

O Odisseu

ISSN 2966-0262

Vol. 4/ N 23/ Junho de 2025

**Entre a tragédia e o que resta:
A violência através das lentes da literatura**



A luta continua

Pedro Henrique Rodrigues recupera os arquivos da ditadura militar para falar do genocídio indígena durante os anos de chumbo.

O mal que nos beija: O feminicídio como narrativa e o lugar da violência na literatura

Carol Antunes escreve sobre o tema do feminicídio na história da literatura. Dos clássicos de Shakespeare à literatura brasileira em Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti.

Ou algo, ou Rita de Podestá entrevistando Julia Codo

Rita de Podestá estreia como colunista da revista O Odisseu com uma conversa/entrevista com Julia Codo (autora de "Caderno de Ossos")

Exumação de corpos: horror, violência e estranheza nas literaturas de mulheres latino-americanas

Mylene Queiroz escreve sobre o assombro e a violência na escrita de autoras latino-americanas como Aná Paula Maia e Maria Fernanda Ampuero



ISSN 2966 0262

Vol. 4/ N 23/ Junho de 2025

O Odisseu

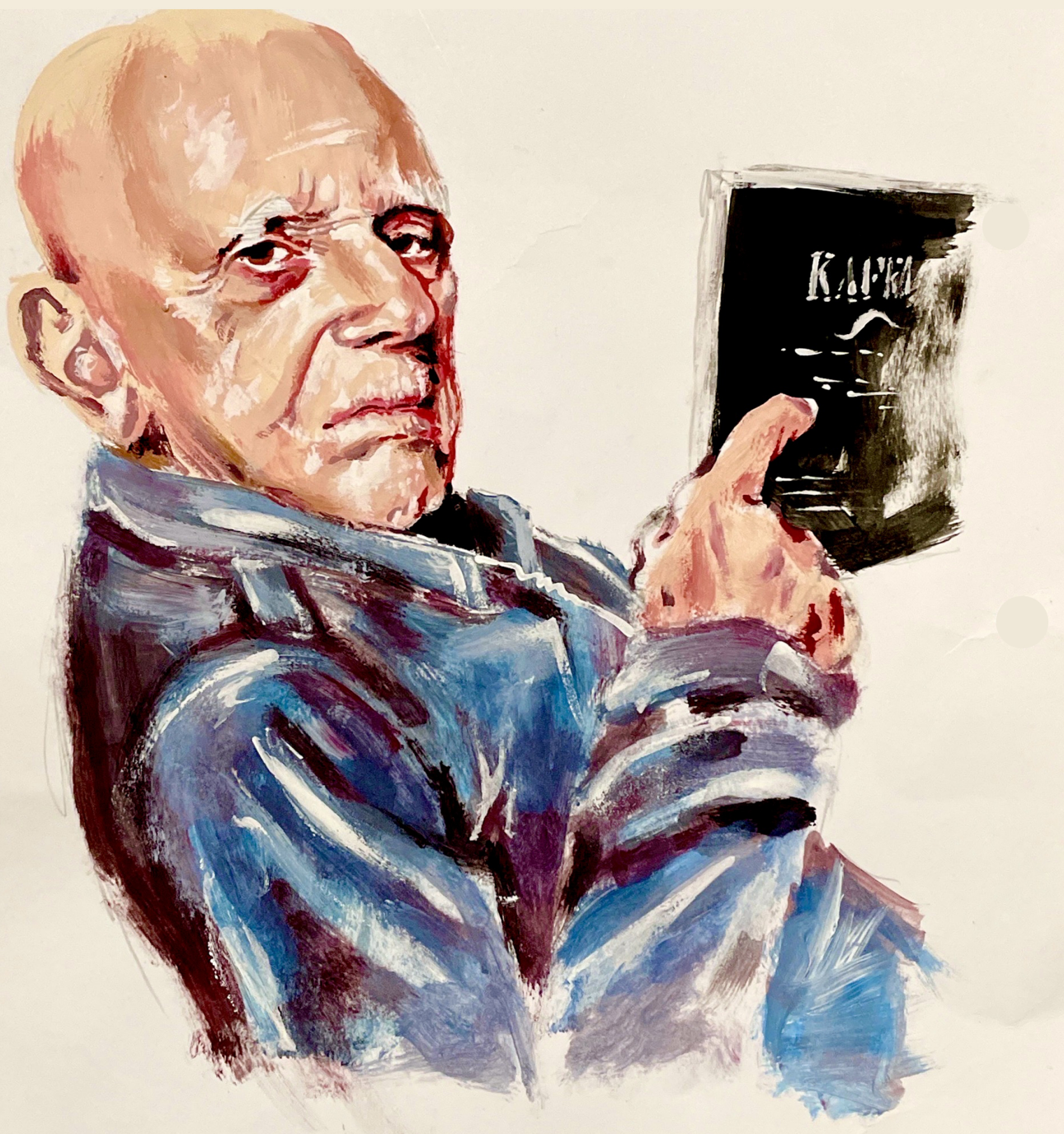
**Entre a tragédia e o que resta:
A violência na obra de Rubem Fonseca**

O homem que metralhava vidros

Danilo Moreira escreve um perfil da obra complexa e crua de Rubem Fonseca por meio de uma visita panorâmica à sua obra perturbadora.

Para onde vão os livros dos mortos?

Daguito Rodrigues escreve, em crônica de tom confessional, sua relação com a obra do mestre Rubem Fonseca



Que tal anunciar o seu livro na revista **O Odisseu?**

Aumente as chances de ter novos leitores com um anúncio publicitário na sua revista de livros! Conheça os nossos pacotes de anúncios. Envie um e-mail para revistaoodisseu@gmail.com e saiba mais!



Sumário

Caderno 1 – Ítaca – p.3

EDITORIAL: “Entre a tragédia e o que resta”, de Pedro Henrique Rodrigues - p. 4
POESIA: “Soneto da Colonização”, de Pedro Henrique Rodrigues - p. 5
REPORTAGEM: “A luta continua”, de Pedro Henrique Rodrigues - p. 6
POESIA: “A Fênix do Sertão”, de Márcio Ketner Sguassábia - p. 10
FICÇÃO: “Mais um”, de Bruna Pereira - p. 11
ENSAIO: “O mal que nos beija: O feminicídio como narrativa e o lugar da violência na literatura”, de Carol Antunes - p. 13
CRÍTICA: “Pequenas, grandes violências”, de Kaio M. Veloso - p. 17
CORRESPONDÊNCIA INCOMPLETA: “Carta só para Marcelino Freire”, de Márcio Ketner Sguassábia - p. 19
CRÍTICA: “Ensaio sobre a aporofobia”, de Ewerton Ulysses Cardoso - p. 20
ENSAIO: “Exumação de corpos: Horror, violência e estranhezas na ficção de mulheres latino-americanas”, de Mylena Queiroz - p. 22
CRÍTICA: “Cemitérios clandestinos da história: a escrita arqueológica de Julia Codo em ‘Caderno de Ossos’”, de Juliana Lesquives - p. 25
ENTREVISTA: “O ‘algo’ ou Rita de Podestá entrevistando Julia Codo”, de Rita de Podestá - p.28
POESIA: “Gesta Mariae”, de Hyann Pedro - p. 32

Caderno 2 – Odisseia – p. 33

CRÔNICA: “São Paulo em traje de Poesia”, de Ravel Machado - p. 34
ELAS COM A PALAVRA: “Uma conversa com Monique de Magalhães”, de Vanessa Passos - p. 37

Especial Rubem Fonseca – p. 38

ENSAIO: “O homem que metralhava vidros”, de Danilo Moreira - p. 39
CRÔNICA: “Para onde vão os livros dos mortos?”, de Daguito Rodrigues - p. 42

Agradecimentos e expediente – p. 44

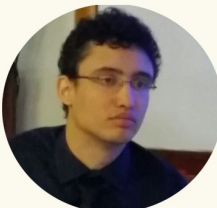
Caderno 1: *Ítaca*

EDITORIAL

Entre a tragédia e o que resta

Pedro Henrique Rodrigues

Doutor em Física Aplicada à Medicina e Biologia (USP) e pós-doutor no Instituto de Psiquiatria da FMUSP. Pedro esteve como pós-doutorando visitante na Harvard Medical School (HMS) e no Massachussets General Hospital (MGH).



Arte de Maicon Aquino (@aquinart)

Segundo o Atlas da Violência, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), foram registrados 46.409 homicídios no país em 2022, cerca de 127 mortos por dia ou 5 por hora. Um homicídio a cada 12 minutos. Nesse levantamento, foram considerados apenas os registros oficiais em que a causa básica do óbito foi definida como agressão ou morte por intervenção legal, segundo critérios da Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Do número total de homicídios, 35.531 eram negros, correspondendo a 76,5% do total. Das 3.806 vítimas mulheres, 66,4% eram negras. Embora não seja possível diferenciar a partir da certidão de óbito se foi homicídio ou feminicídio, definido pela socióloga Diana Russell como o assassinato de mulheres por homens pelo fato de serem mulheres, acredita-se que em 2022, o número de feminicídios ocorridos no país corresponde a 36,6% do número total de homicídios de mulheres. O

Atlas segue descrevendo outras formas de violência e grupos afetados, como pessoas com deficiência, LGBTQUIAPN+ e indígenas.

Estatísticas recentes, legado histórico. Desde os seus primórdios, a violência tem sido palavra de ordem no país. Na literatura nacional, a violência é presente, seja como mera coadjuvante, seja como protagonista, seja de maneira implícita ou totalmente explícita. *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *O navio negreiro*, de Castro Alves, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. Obras brasileiras que retratam as mais diversas formas de violência, quase sempre contra os mesmos grupos que ainda ocupam os primeiros lugares das estatísticas oficiais de violência no país. Nos exemplos citados, a palavra é ferramenta de denúncia e luta. No atual cenário, com o aumento da supressão dos direitos das minorias e da desigualdade social, a perpetuação e aumento da violência tornam a queima de livros que importam uma lei.

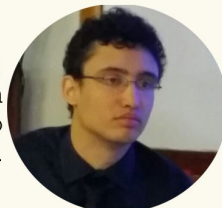
Sem mais delongas, a revista O Odisseu convida a todos para refletir sobre a intersecção entre literatura e violência, palavras e sangue. Não coincidentemente, também comemoramos o centenário do nascimento de um dos maiores nomes da literatura nacional, o mineiro Rubem Fonseca! Conhecido por ter inaugurado o gênero brutalista, permeado de realismo, sexo explícito, crítica social e ... violência, o autor imortalizou obras como *Feliz Ano Novo*, *O Cobrador*, *Agosto* e tantas outras. Sendo assim, anunciamos uma edição especial para um tema tão comum e banalizado em nosso cotidiano e em nossa História, que gera 5 mortos a cada 12 minutos, não levando em consideração as vítimas não-fatais, as vítimas não contabilizadas pelo Estado, as vítimas de violência psicológica, financeira, religiosa, ambiental, sexual e outras formas, as vítimas que são pais, mães e filhos das vítimas diretas, que acabam por serem diluídas em estatísticas oficiais que apenas confirmam o horror, sem se traduzir em políticas públicas de segurança, perpetuando o ciclo histórico e sanguinário da violência no Brasil.

POESIA

Soneto de Colonização

Pedro Henrique Rodrigues

Doutor em Física Aplicada à Medicina e Biologia (USP) e pós-doutor no Instituto de Psiquiatria da FMUSP. Pedro esteve como pós-doutorando visitante na Harvard Medical School (HMS) e no Massachussets General Hospital (MGH).



Tela de Jean Baptiste Debret, de 1830, mostra indígenas aprisionados - Domínio Público

Abya Yala foi pega por ardil criatura
Com rouparia e palavras tão diferentes
Logo percebeu que ela era vil captura
O que despertou os sentidos mais tementes

O povo de Abya lutou com bravura
"-Que torpe criatura de atos indecentes!"
Mas sucumbiu perante a Morte, que tristura
"-Devastam nossa terra e vida, inclementes!"

O Paraíso, eis a promessa funesta
Tragédia! Em sangue o solo foi vertido
Eis o Inferno, Ó, criatura desonesta

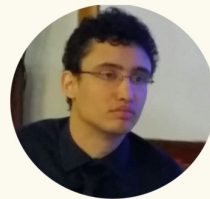
Abya Yala, amada filha da Floresta
Chora sem nome, vítima de etnocídio
Agora é América, serva molesta

REPORTAGEM

A luta continua

Pedro Henrique Rodrigues

Doutor em Física Aplicada à Medicina e Biologia (USP) e pós-doutor no Instituto de Psiquiatria da FMUSP. Pedro esteve como pós-doutorando visitante na Harvard Medical School (HMS) e no Massachussets General Hospital (MGH).



"Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro; nem lho vimos. A terra, porém, em si, é de muito bons ares, assim frios e temperados como os d'Antre Doiro e Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-à nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar."

Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha

Em agosto de 2012, mais de 45 anos após ter sido considerado extinto durante um incêndio criminoso no Ministério da Agricultura, o relatório com mais de sete mil páginas e dividido em 30 tomos originais, dos quais 29 foram totalmente recuperados, foi redescoberto pelo pesquisador Marcelo Zelic (1963-2023), então vice-presidente do grupo Tortura Nunca Mais, no Museu do Índio, localizado no Rio de Janeiro. O relatório é chamado de Relatório Figueiredo, uma vez que foi produzido pelo procurador Jader de Figueiredo Correia em plena ditadura militar brasileira (1964-1985) por ordens do ministro do interior brasileiro Afonso Augusto de Albuquerque Lima (1909-1981). Para tanto, Figueiredo percorreu mais de 16 mil quilômetros, visitando mais de 130 postos indígenas e entrevistando dezenas de agentes do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), ligado ao Ministério do Interior e pioneiro enquanto órgão público governamental para cuidar da política indigenista brasileira. Criado em 1910 sob organização do Marechal Rondon (1865-1958), seu primeiro diretor, inicialmente era chamado de Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN) até que em 1918 passou a ser conhecido apenas como Serviço de Proteção aos Índios, já que a Localização de Trabalhadores Nacionais tornou-se um órgão próprio. Embora o SPI tenha tido líderes importantes em prol da causa indigenista, como o já citado Marechal Rondon e também Darcy Ribeiro (1922-1997), o órgão passou a ser alvo de denúncias de corrupção, culminado com a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito

(CPI) para investigar possíveis crimes cometidos pelos agentes do SPI, sendo então apuradas justamente pelo procurador Figueiredo. Como consequência do Relatório, o SPI foi extinto, dando lugar a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), centenas de denunciados e sugestões de penalidades. Porém, no ano seguinte o Relatório foi dado como supostamente destruído durante um incêndio e com a Promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), qualquer tentativa de justiça foi sumariamente negada. Dez anos após a apresentação do Relatório, foi aberta na Câmara uma outra CPI para averiguar violações de direitos humanos dos índios. No ano anterior, o procurador Figueiredo faleceu em acidente de ônibus, aos 53 anos. *"Era uma voz solitária na ditadura, contra o AI-5 e contra um regime que censurava a imprensa"* - disse o filho de Figueiredo em uma entrevista para o Jornal Estado de Minas quando da descoberta do Relatório. Sobre a possibilidade do acidente ter sido proposital: *"Eu nunca tinha pensado nisso, eu tinha 14 anos incompletos na época. Pode ser. Meu pai morreu em um acidente que nunca foi esclarecido". "Ele sofreu atentados, foi perseguido por pistoleiros durante a investigação. Nossa família vivia sob segurança da Polícia Federal". "Ele se indignava de pensar que seu trabalho podia ficar no 'dito pelo não dito'. Viu muita injustiça, muita crueldade. E morreu na esperança de seu trabalho aparecer de novo, de algum jeito. Onde ele estiver agora, estará feliz".*



Imagem presente no Relatório Figueiredo (Reprodução)

REPORTAGEM



Imagem presente no Relatório Figueiredo (Reprodução)

"O "tronco" era, todavia, o mais encontradiço de todos os castigos, imperando na 7ª Inspetoria. Consistia na trituração do tornozelo da vítima, colocado entre duas estacas enterradas juntas em ângulo agudo, as extremidades, ligadas por roldanas, eram aproximadas lentas e continuamente". O trecho é apenas mais um dos numerosos relatos de uma gama de crimes cometidos pelo Estado contra a população indígena na primeira metade do século XX. "Os delitos cometidos podem ser apresentados agrupados por espécie, conforme o esquema abaixo:

1. CRIMES CONTRA A PESSOA E A PROPRIEDADE DO ÍNDIO

- 1.1. Assassinatos de índios (individuais e coletivos: tribos)
- 1.2. Prostituição de índias
- 1.3. Sevícias
- 1.4. Trabalho escravo
- 1.5. Usurpação do trabalho do índio
- 1.6. Apropriação e desvio de recursos oriundos do patrimônio indígena
- 1.7. Dilapidação do patrimônio indígena:
 - a) venda de gado
 - b) arrendamento de terras
 - c) venda de madeiras
 - d) exploração de minérios
 - e) venda de castanha e outros produtos de atividades extrativas e de colheita
 - f) venda de produtos de artesanato indígena
 - g) doação criminosa e terras
 - h) venda de veículos

2. ALCANCE DE IMPORTÂNCIAS INCALCULÁVEIS

3. ADULTERAÇÃO DE DOCUMENTOS OFICIAIS

4. FRAUDE EM PROCESSO DE COMPROVAÇÃO DE

CONTAS

5. DESVIO DE VERBAS ORÇAMENTÁRIAS

6. APLICAÇÃO IRREGULAR DE DINHEIROS

PÚBLICOS

7. OMISSÕES DOLOSAS

8. ADMISSÕES FRAUDULENTAS DE

FUNCIONÁRIOS

9. INCÚRIA ADMINISTRATIVA

Tamanhos são os crimes.

O Serviço de Proteção aos índios degenerou a ponto de persegui-los até o extermínio.

...

Mais recentemente os Cintas-largas, em Mato Grosso, teriam sido exterminados a dinamite atirada de avião, e a estricnina adicionada ao açúcar enquanto os mateiros os caçam a tiros de "pi-ri-pi-pi" (metralhadora e racham vivos, a facção, do pubis / para a cabeça, o sobrevivente !!! Os criminosos continuam impunes, tanto que o Presidente desta Comissão viu um dos asseclas deste hediondo crime sossegadamente vendendo picolé a crianças em uma esquina de Cuiabá, sem que a justiça Matogrossense o incomodasse."

Este último relato refere-se ao Massacre do Paralelo 11, supostamente perpetrado pelos seringalistas Antônio Mascarenhas Junqueira e Hélio Palma de Arruda, donos da empresa Arruda e Junqueira & Cia. Ltda, para fins de exploração de terras indígenas para extração de látex, entre outras atividades comerciais. No trecho a seguir temos um relato da expedição punitiva contratada por Junqueira, sob comando do pistoleiro Francisco Luiz de Souza, conhecido como "Chico Luiz", e pelo piloto Toshio Xatô:

"A Expedição do Chico Luís contra os índios Cinta Larga - 1963:

A expedição saiu da Cachoeira das Águas Brabas. Caminharam 10 dias sem encontrar a aldeia dos índios. Encontraram diversas aldeias dos Cinta Larga. Mas sem encontrar os índios. Aos 16 dias chegaram no Aripuanã. Aí caminharam mais 3 dias e encontraram os índios. Nesta caminhada levaram pouco fornecimento. Porque eram abastecidos por avião pelo Junqueira. Mas diz o Ataíde que não era necessário este fornecimento porque encontraram bastante nas aldeias dos índios (abandonadas). Com 19 dias de caminhada mais ou menos encontraram a aldeia Cinta Larga à beira dum rio. Havia uma baixada. E aí a expedição se amoitou. Havia uns 20 índios visíveis na maloca. Todos ocupados. O capitão estava à beira do rio sobre uma pedra. Reconheceram-no logo pelos enfeites. O Chico ordenou ao Ataíde derrubar o capitão por primeiro, enquanto ele preparava a piripipi para metralhar os restantes. O Ataíde com uma 22 derrubou o capitão. E o Chico acionou a metralhadora enquanto os outros 4 também atiravam com suas armas. 5 caíram mortos. Sem contar os que correram feridos. A expedição continuou a sua caça aos índios durante uns quantos dias.

Nesta mesma caminhada encontraram mais uma aldeia de índios. Mas estes perceberam a aproximação dos assassinos e correram. Ainda encontraram as redes balançando. Surpreenderam uma mulher com filhinha no trilho de índio. Agarraram-nas. O Chico quis logo matá-las. O Ataíde disse que não convinha. "Vamos levá-la ao padre" Mas Chico não quis e disse:

REPORTAGEM

"Quem manda aqui sou eu!" E ordenou-nos - disse ele: "Suspendam a mulher!"

Tivemos que amarrá-la. E suspendemo-la puxando-a de um lado e do outro no pau (viva). O Chico arrancou o facão e talhou-a pelo meio. Depois arrancou do revólver e atirou na guria matando-a.

Mandou-nos jogar a mulher e a filha no rio e depois ordenou a queima da aldeia apesar dos companheiros não quererem isto. Havia muito milho caprichosamente armazenado. Na roça havia muito cará, mandioca, algodão. As roças destes índios são bem trabalhadas, feitas a facão. Limpas. Continuaram a expedição, encontrando mais alguns índios. 3 ainda mataram e um feriram. O Junqueira os continuava abastecendo de avião, com munição e alimentos. Ele pessoalmente estava no avião. A expedição levou 2 meses e 8 dias no mato. Correu entre o rio Vermelho e Sete."

O SPI não realizou nenhum pronunciamento oficial sobre o ocorrido. Os seringalistas faleceram livres. Semelhante desfecho teve o crime ocorrido na madrugada do dia 20 de abril de 1997. Asa Sul, Brasília. Cinco horas da manhã. Uma parada de ônibus ardia em fogo. O advogado Evandro Castelo Branco Pertence parou o carro e foi em direção às chamas, quando percebeu que se tratava de uma bola de fogo humana. Ainda consciente, a vítima foi levada até o Hospital da Asa Norte, onde morreu horas depois com 95% do corpo queimado. No dia anterior, 19 de abril de 1997, foi o Dia do Índio. O líder indígena Galdino Jesus dos Santos, da etnia pataxó-hã-hã-hãe, foi até Brasília para discutir sobre a demarcação de terras indígena na Bahia, mais especificamente, da Terra Indígena Caramuru-Paraguaçu. Como chegou tarde das comemorações, não pôde entrar na pensão onde estava hospedado e dormiu em um abrigo de ponto de ônibus perto da pensão. Cinco jovens de famílias abastadas cometeram o crime, que horrorizou o país. Cumpriram metade da pena prevista e cerca de 25 anos depois do ocorrido, como averiguado em reportagem pelo Brasil de Fato, os envolvidos eram servidores públicos de elite, com salários de mais de 15 mil reais. Durante depoimento logo após o crime, um dos jovens respondeu que apenas estavam tentando "fazer uma brincadeira".

Desde sempre, as populações indígenas têm lutado fortemente contra as violências do homem branco. Nos primórdios da colonização, trechos da epopeia "De Gestis Mendi de Saa", de Padre José de Anchieta, "expressam vontade de sangue e coração impiedoso para com o próximo diferente, reverberando os ideais da Contra-Reforma ao demonizar os costumes dos indígenas e representá-los como bárbaros cruéis e inumanos em contraposição aos cristãos e supostamente civilizados europeus":

"[...] Outros depenam o peito e as costas de inúmeras aves e tingindo-lhes as penas de variadíssimas cores colam-nas ao corpo, untado todo de visgo. Outros ornaram o topete com asas de pássaros e dependuram muitos enfeites dos penteados cabelos. Com estes e muitos outros adereços, medonhos e feios, cobrem os membros nus os selvagens ferozes. [...]"



"Missionário Jesuíta Reforça Acusação de Que Genocídio dos Índios Continua". O Globo: 15. 25 de janeiro de 1966

"[...] Essa raça selvagem, sem a menor lei, perpetrava crimes horrendos contra os mandados divinos, proferindo impunemente ameaças contínuas e altivos discursos. Então com arrogância o índio sanhudo olhava para os cristãos, e estes, entrincheirados detrás de seus muros, tremiam de pavor vergonhosos: como quando lobos vorazes, que a fome impiedosa açula e avassala, rangendo os dentes, cobiçam, à ronda do aprisco, espostear os tenros cordeiros e extinguir a sede ardente no sangue que sugam; lá dentro as ovelhas estremeçam e fremem com medo das feras que rondam fora, mal confiadas no aprisco. [...]"

"[...] Assim se expulsou a paixão de comer carne humana, a sede de sangue abandonou as fauces sedentas; e a raiz primeira e causa de todos os males, a obsessão de matar inimigos e tomar-lhes os nomes, para glória e triunfo do vencedor, foi desterrada. Aprendem agora a ser mansos e da mancha do crime afastam as mãos os que há pouco no sangue inimigo tripudiavam, esmagando nos dentes membros humanos.

Há pouco a febre do impuro lhes devora as entranhas: imersos no lodaçal, aí reboavam o fétido corpo, preso à torpeza de muitas, à maneira dos porcos. [...]"

Como dito por Ailton Krenak em discurso histórico na Assembleia Constituinte em 1987, que culminou na inédita conquista de um capítulo sobre proteção dos direitos indígenas na Constituição brasileira: "Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão, não deve ser identificado de jeito nenhum como um povo que é inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação, e que coloca em risco qualquer

REPORTAGEM

desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões de quilômetros quadrados do Brasil. E os senhores são testemunha disso."

Tamanha é a violência que permeia a vida indígena que um estudo publicado recentemente indicou que indígenas brasileiros possuem taxa de suicídio quase três vezes maior que a população brasileira em geral.

O redescobrimto do Relatório Figueiredo ainda não culminou em mudanças. Como dito pelo saudoso Marcelo Zelic: *"E uma das virtudes do RF (Relatório Figueiredo) é mostrar como a omissão do Estado e o desmonte da política indigenista é uma estratégia do Estado para enfraquecer esse tecido social que defende os direitos dos índios. Todas as aldeias estão cercadas atualmente, tudo cercado de homem branco fazendo bobagem. Aí me perguntam: por que eu continuo metido com essa questão indígena? Ora, é porque o homem branco não tem mais jeito, destruiu tudo... O tamanho da violência que passa os povos indígenas é algo absurdo, é por isso que a gente tem que forçar as instituições a defenderem os direitos dos indígenas. É uma luta extremamente desproporcional, mas é preciso continuar."*

A LUTA CONTINUA

"A falta de assistência, porém, é a mais eficiente maneira de praticar o assassinato. A fome, a peste e os maus tratos, estão abatendo povos valentes e fortes. A Comissão viu cenas de fome, de miséria, de subnutrição, de peste, de parasitoses externa e interna, quadros esses de revoltar o indivíduo mais insensível"

Trecho do Relatório Figueiredo.



Ailton Krenak na Constituinte (1987/ Reprodução)

REFERÊNCIAS

- Acesso ao arquivo online Relatório Figueiredo: <https://archive.org/search?query=creator%3A%22Jader+de+Figueiredo+Correia%22>
<https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf>
https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/04/19/interna_politica,373426/filho-se-emociona-ao-falar-do-trabalho-de-investigacao-feito-pelo-procurador-so-bre-massacre-indigena.shtml#google_vignette
<https://rondoniaovivo.com/noticia/cultura/2023/10/19/cinta-larga-os-60-anos-do-massacre-do-paralelo-11-que-vitimou-cerca-de-35-mil-indigenas.html>
SCHWADE, Egidio, 1963, in DAL POZ, 1988: 15-16" apud Poder Judiciário. Justiça Federal. Perícia - Proc. 2000.0715-0 (fls. 341/2, e 402/3), pp. 13 e 23.
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/03/02/interna_cidadesdf,830446/selvageria-contra-o-indio-envergonha-todo-o-pais.shtml
<https://www.brasilefato.com.br/2022/04/20/25-anos-da-morte-de-galdino-assassinos-estao-na-elite-do-funcionalismo>
<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-galdino-pataxo/>
[https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(23\)00165-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(23)00165-5/fulltext)
<https://revistapesquisa.fapesp.br/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-supera-em-quase-tres-vezes-a-da-populacao-geral/>
LIMA, Edilene Coffaci de; ATENAS AZOLA, Fabiano. Entrevista com Marcelo Zelic: sobre o relatório Figueiredo, os indígenas na comissão nacional da verdade e a defesa dos direitos humanos. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 22, n. 2, p. 347-365, 2017. DOI: 10.5433/2176-6665.2017v22n2p347. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/32262>. Acesso em: 12 ago. 2024.

POESIA

A Fênix do Sertão

Márcio Ketner Sguassábia

Pirassununguense de 24 anos, é poeta, autor de "sob o sono dos séculos" (Laranja Original – 2022), "o idioma da memória" (Laranja Original – 2024) e "pedrangulares" (poeCia – 2024). Tem poemas e contos publicados em algumas antologias. Há seis anos, leciona literatura no Cursinho Popular da UFTM, onde estuda medicina.



levanta a vista, seu moço,
pra tu ver de uma vez só,
rebanho que é pele e osso,
masca a terra, engole pó.
o que, hoje, nem dá pra poço,
ontem foi tanque dos grosso
- açude cocorobó.
eis que brota a velha face,
rosto amargo do sertão:
é Canudos que renasce
na seca ressurreição.

tentaram, foi, de usar água,
no tempo dos militar,
pra fim de abafar a mágoa
e essa história não contar.
mas, porém, o choro escorre
nas ruga, pelo nariz,
tal fio d'água que percorre
o leite morre-não-morre
do amigo vaza barris,
que, se hoje, canudos, cobre,
ontem fez da gente pobre,
um povo um pouco feliz.

doutor, ergue bem a vista
não perde uma só ruína
da sertaneja conquista,
que a república menina
acusou de monarquista.
e vê como se ergue o arco,
triumfante e justiceiro,
da igreja – solene marco
dele: antônio conselheiro.
no dizer do povo, santo,
que reerguia cemitério:
da fé, um vivo mistério,
espalhado a todo canto.

e, agora, veja o senhor,
bem cumprida a profecia
do beato pregador:
canudos dorme afogada,
entre as água enlameada.
me pergunto: carecia
de escondê o grito da dor?
no entretanto, a gente vive,
nós, aqui, toda essa gente,
dos jagunço, descendente,
pra que o marco se efetive.
da luta da raça pobre,
que os noticiário encobre,
mas que sempre sobrevive.

euclides não faz mentir
quando vê, na gente, um forte,
porque a vida de partir,
rumo ao sem-ter-onde-ir,
já é um pouco da morte.
o moço que me perdoa,
a amolação de contar,
mas a verdade que ecoa
pra mó de todos olhar,
tá aí bem na sua frente:
Canudos ressuscitado
vem, com facão do passado,
apunhalar o presente.



FICÇÃO

Mais Um

Bruna Pereira

graduada em Letras Vernáculas (UFBA), escritora, pesquisadora em Literatura Brasileira Contemporânea e professora de redação e língua portuguesa. Ainda, é idealizadora do Sarau das Estações, atua na curadoria da juventude na Feira Literária de Cruz das Almas (FliCruz) e na coordenação do Clube do Livro Páginas Brasileiras.



Foto: Rogério S (Via Unsplash)

O tiro ecoou às duas da manhã. Ninguém acendeu a luz da sala, ninguém espiou pela fresta da cortina. Na rua, silêncio. No grupo do prédio, uma única mensagem: “foi bala, mais um”. Não se perguntaram quem. O nome. O que gostava de ouvir? Tinha alguém esperando ele voltar?

Valdemar deveria ter chegado em casa às 23h, vindo do trabalho. Ser vigilante não era o sonho de infância, mas foi a farda que conseguiu para tirar sua esposa da periferia, muito novo, aos vinte e cinco. Uma casa, faltava um carro. Estava economizando para isso. O filho já crescido ajudava. Por isso, ainda andava de ônibus, vinha de Camaçari, seguia a rotina. No meio do caminho, o transporte quebrou. Avisou à mulher que chegaria atrasado e não precisava esperar ele para dormir, mas que deixasse o café na mesa para ele beber ao chegar. Ficou esperando, não queria gastar com mais uma passagem enquanto o outro ônibus solicitado pelo motorista vinha. Não podia se dar ao luxo de perder duas inteiras em um dia. Horas depois, descia no ponto perto de casa.

Ricardo acordou com a notícia que nunca quis ouvir. Seu pai foi morto durante uma abordagem. A mãe permanecia sentada no sofá, olhos vazios, mãos entrelaçadas sobre o colo, em silêncio. A cada cinco minutos, desbloqueava o celular para ler duas mensagens. “Foi bala, mais um”. “Nega, o ônibus quebrou, pode dormir que vou atrasar. Deixa o quente-frio na mesa”. Os olhos indo e vindo na tela, sem emoção. Ligações perdidas de vizinhos, do chefe, da sogra. O jornal da manhã já noticiava. “Morador do Campo Grande é morto a tiros na madrugada desta terça-feira”. Alguns minutos de reportagem e o clima do dia já estava sendo informado. Ler, ouvir, ver. Cláudia não conseguia assimilar, não estava acreditando.

Coube a Ricardo a tarefa de ir ao Instituto Médico Legal reconhecer o corpo. O caminho foi longo. No ônibus, a cidade passava turva pela janela. Ricardo tentava afastar a imagem mental do pai caído, sangrando, rodeado por fardas, cassetetes, armas, olhos estreitos de julgamento. Não era a primeira vez que um homem negro era confundido com qualquer outra coisa senão um homem comum naquela cidade. Notícias como aquela eram recebidas assim, por mensagem, pela televisão. Passam despercebidas, às vezes de forma fria, às vezes carregadas do mesmo comentário. “Mais um”. Mas esse tinha rosto para ele, nome, idade, afeto. As memórias vinham para embaçar sua visão. Lembrou-se dos domingos em que ouvia Cartola na vitrola antiga herdada do avô, ao lado do pai, bebendo uma xícara de café com leite. Das mãos enrugadas segurando seu ombro quando a vida apertava, das histórias sobre um passado que parecia nunca caber em uma só conversa.

“Perdeu horas no trânsito, queria voltar para casa, beber uma xícara de café pelando e se deitar ao lado da mulher. Não pensou, não lembrou da regra.”

FICÇÃO

Valdemar estava andando na rua deserta, prestes a subir a Av. Santa Rita, quando uma viatura estacionou. Desceram o vidro, perguntaram o que ele estava fazendo ali sozinho naquele horário. Já estavam rondando por ali há um tempo, porque os moradores andavam inseguros, reclamando, pedindo por fiscalização. Estacionaram, saíram do carro. Ele respondeu que estava voltando do trabalho. Mas, vigilante? E a farda? Por que trocar de roupa para voltar para casa? Sua reação já era padronizada. Não era a primeira abordagem. Aos 13, sim. Estava brincando de pega-pega com os primos na praia do Flamengo. Quarta-feira de feriado, a família toda decidiu aproveitar o sol torrando que só Salvador sabe proporcionar bem no meio da semana. Confundido pela primeira vez. Ele descobriu, jovem, que o nome daquilo não era confusão. Foi revistado e interrogado enquanto o queixo batia com respostas de criança. Como agora, ele sabia que precisava levantar os braços devagar, flexionar, colocar as mãos na nuca e esperar o apalpar de mãos com paciência. Mas estava cansado. Perdeu horas no trânsito, queria voltar para casa, beber uma xícara de café pelando e se deitar ao lado da mulher. Não pensou, não lembrou da regra. Fez menção de pegar o documento na carteira do bolso de trás da calça jeans. Movimento tremido, suado. Era uma arma escondida ali? Quem garantia que havia uma carteira mesmo? Eles não esperaram para ver antes de duas balas cortarem o ar, o ombro e o peito. Depois, só depois, revistaram o corpo caído. Era mesmo uma carteira. Uma identidade, um CPF, cinquenta reais, uma foto 3x4 manchada e um cartão do SUS. Não eram mais úteis.

Ao chegar no IML, o atendente chamou pelo nome do pai, pronunciando errado. "Valmir?". Ricardo corrigiu, mas não deram importância, estavam cansados do trabalho, da rotina, deles mesmos. Seguiu o homem pelos corredores, até uma sala onde o corpo repousava sob um lençol branco. Quando o lençol foi retirado, Ricardo conheceu pela primeira vez o peso da ausência. O pai sempre fez questão de que tudo fosse presente em sua vida, mas ainda não o tinha preparado para a maior das faltas. Quis chorar, gritar, correr. Mas ficou. Entendia a dor daquele noticiário pela manhã que não contou como seu pai era persistente e rígido, mas amoroso. Não contou que ele financiou a casa para a família sair do aluguel. Não disse que estava na autoescola para tirar a carteira, comprar um carro. Não falou que era o irmão mais velho de três mulheres. Não contou que ele deixava uma esposa e dois filhos. Ricardo se aproximou e disse, com a voz distante:

— O nome dele é Valdemar dos Santos Cerqueira. Ele gostava de ouvir Cartola aos domingos e me ensinou a nunca abaixar a cabeça.

O atendente fez uma anotação e cobriu o corpo. Não respondeu. Ricardo saiu dali abalado. Como ia contar para a mãe que o seu primeiro amor se foi para sempre? Para a irmã, de seis anos, que o pai nunca voltaria? Ao chegar em casa, sentiu que alguém deveria saber, que ele precisava contar. Pegou um caderno e, na primeira folha limpa que encontrou, escreveu: "Meu pai se chamava Valdemar, e ele não era um número".

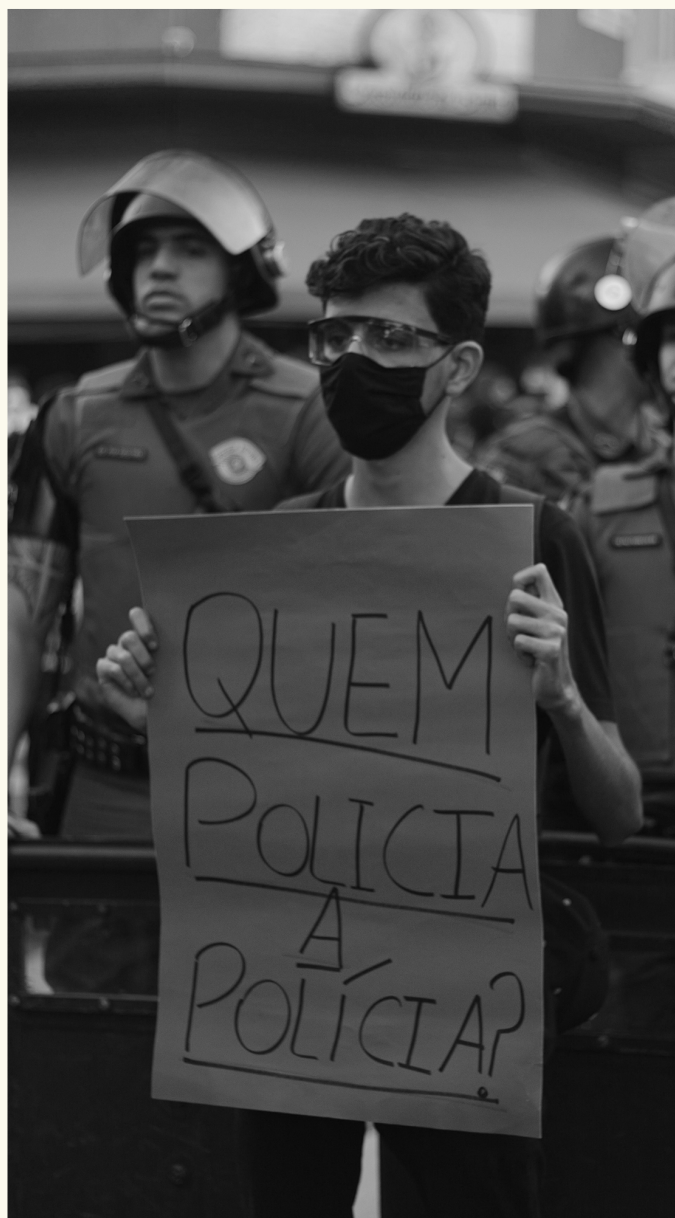


Foto: Rogério S (Via Unsplash)

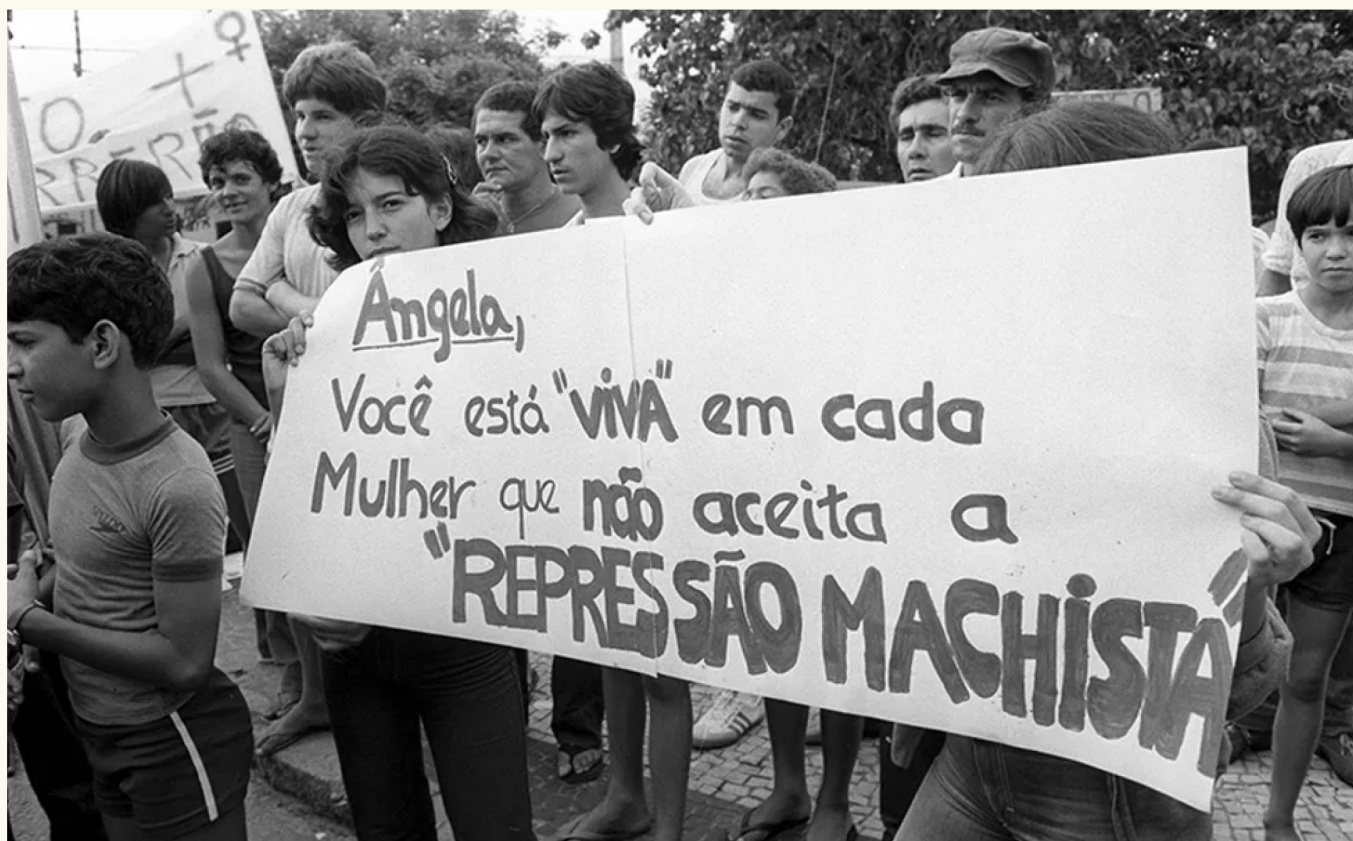
ENSAIO

O mal que nos beija

O feminicídio como narrativa e o lugar da violência na literatura

Carol Antunes

Escritora, poeta e uma apaixonada por música. Formada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, é especialista em Estudos Culturais e, atualmente, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia- UFBA.



Mulheres com cartaz contra o machismo na porta do tribunal onde Doca Street foi julgado pelo assassinato de Ângela Diniz — Foto: Jorge Marinho / Agência O Globo

Quando consultamos os dados relacionados ao número de homicídios tipificados como feminicídio em nosso país, constatamos que a violência de gênero é uma realidade palpável, mesmo que tantos meios tenham sido criados para coibir a prática. Segundo dados do Monitor de Feminicídios no Brasil (MFB), 2007 mulheres foram vítimas de feminicídio tentado ou consumado de janeiro a junho de 2024. De acordo com o Atlas da Violência de 2024, o número de mulheres mortas no país, em 2022, chegou a 3.806, o que equivale a cerca de 3,5 casos para cada grupo de cem mulheres. Quando aplicamos o recorte de raça, os números são ainda mais chocantes. Mulheres negras são mais de 65% das vítimas de feminicídio e, de modo geral, são atacadas em sua própria residência. Um olhar mais atento e notamos que, em mais da metade dos casos, os algozes são companheiros inconformados com o término do

relacionamento e não é incomum que cometam o crime na frente dos filhos ou de parentes da vítima. Os casos borbulham na televisão e são tratados, na maioria das vezes, com sensacionalismo e com um tom exagerado em que a vítima é, reiteradamente, vilipendiada em nome do entretenimento. O Brasil está entre os 10 países com a maior taxa de assassinatos de mulheres no mundo, o que o coloca num ranking alarmante e o cenário não parece melhorar, mesmo com o surgimento de leis cada vez mais rígidas. Mas, não é de hoje que o país apresenta um quadro tão assustador de violência de gênero. É importante lembrar que, até ontem (2021), era possível alegar legítima defesa da honra e justificar o assassinato de uma mulher a partir de uma tese em que o homem, induzido por alguma ação malfadada de sua companheira, a assassina para proteger a honra. Talvez o caso mais emblemático de que temos notícia e que utilizou esse argumento grotesco para tentar “salvar

ENSAIO

a pele" do assassino foi o de Ângela Diniz, brutalmente assassinada por Doca Street na década de 70. Aliás, foi o caso de Ângela que levantou os debates sobre a necessidade de pensar em leis mais eficazes para punir assassinos de mulheres, uma vez que o criminoso cumpriu apenas dois anos de prisão e em liberdade. O movimento feminista teve papel essencial na tentativa de mobilizar a opinião pública em favor de Ângela, que teve sua vida pessoal exposta no tribunal numa clara tentativa de destruir sua imagem e reforçar a narrativa de que ela deu motivos para ser morta. Infelizmente, a misoginia venceu. Até que finalmente o assassinato de mulheres fosse especificamente tipificado, uma dúzia de Ângelas, muitas delas anônimas, morreram pelas mãos de seus companheiros. Somente em 9 de março de 2015 o crime de feminicídio tornou-se crime específico no Código Penal por meio da Lei 13.104. Tudo isso cerca de 9 anos depois da assinatura da Lei Maria da Penha. São conquistas essenciais para as mulheres, embora, como bem lembrou Simone de Beauvoir: "Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados".

E a literatura com isso?

O tema da violência não é incomum na literatura e aparece como um traço característico de sociedades atravessadas por discrepâncias de classe, de gênero e que lidam precariamente com suas mais recônditas questões. A ficção incorpora o tema e o traduz sob muitos pontos de vista, o convertendo, muitas vezes, em ferramenta de reflexão e conscientização das massas, mas nem sempre é assim. Há casos em que o leitor é transformado em um voyeur e alimenta-se da dor do outro, sendo participe da atrocidade descrita, em uma verborragia cruel, em páginas manchadas de sangue. É o que ocorre, por exemplo, em alguns textos que retratam a violência contra a mulher e reforçam estereótipos que ajudam a justificar o ato criminoso e a transferir o papel da vítima, que deveria ser da mulher, para quem a agride. Dessa maneira, é essencial visitar as obras e estender um olhar de escrutínio para as nuances narrativas que ajudam/ajudaram, muitas vezes, na manutenção de padrões sociais nocivos para as mulheres e que foram responsáveis por moldar a opinião pública em relação a temas como o adultério, a violência de gênero e o corpo feminino.

"Quem é esta mulher?": A Culpa em "Otelo"

Otelo, obra de Shakespeare, escrita em 1604, é um retrato devastador de uma sociedade afogada em preconceitos de toda espécie e reforçados a partir de estereótipos que o Bardo Inglês acaba por incorporar à sua ficção. Otelo é um mouro, comandante de uma frota de navios de guerra, que goza da confiança dos líderes da nação graças à sua comprovada habilidade para a batalha. No entanto, isso não o torna imune aos impropérios que são dirigidos a sua origem e, claro, a cor de sua pele. Em muitos momentos do texto, Otelo é retratado como um homem de aparência assustadora, monstruoso e dado à prática de magia, além de ser



Otelo e Desdêmona-Alexandre Marie Colin (Reprodução)

considerado um bárbaro. No entanto, o grande destaque dessa obra é, sem dúvida, o trágico final da protagonista Desdêmona, cujo significado do nome já nos adianta o que lhe aconteceria. Do grego, Desdêmona significa "maldita" ou "infeliz" e certamente são dois adjetivos que podem ser, facilmente, atribuídos à personagem que nos é apresentada, ao longo da trama, sob muitos pontos de vista. É bastante ilustrativa a fala que Brabâncio, pai de Desdêmona, direciona a Otelo ao ter certeza absoluta que a filha escolheu o marido por livre vontade e por amor:

"Cuidado, Mouro! Se olhos tens, abre-os bem em toda a parte; se o pai ela enganou, pode enganar-te" (Cena II, 1 Ato).

Há uma dualidade interessante na construção da personagem que, ao mesmo tempo, aparece revestida de dignidade, bondade e amor verdadeiro, mas também é tida como uma falastrona, manipuladora e perigosa; capaz de influenciar o marido e roubar-lhe o discernimento. É Iago, um dos personagens mais controversos da história, que age como o incitador do enredo maléfico em torno do casal e é responsável por distorcer a imagem de Desdêmona perante todos e, principalmente, para Otelo. Ele é a representação da detestável misoginia hipócrita da época que atribuía às mulheres a culpa para os males da sociedade. Vejamos uma fala dele para Emília, sua esposa, a quem considera tola e tagarela:

"Vamos; fora de casa sois pinturas; nos quartos, sinos; na cozinha, gatos; santas, quando ofendeis; demônios puros, quando sois ofendidas; chocarreiras no governo da casa e boas donas do lar quando na cama." (Cena I, Ato 2)

Iago diz ser na cama onde está o verdadeiro trabalho da mulher e segue atribuindo os mais infames adjetivos àquelas que considera fugir do padrão aceitável socialmente. Quando interpelado por Desdêmona sobre quais mulheres mereciam elogios, ele responde:

"A que bela foi sempre, não vaidosa, e, podendo

ENSAIO

falar, não foi verbosa; a que, tendo ouro à larga, não se enfeitava, e, coibindo-se, diz: numa outra feita; a que, ofendida e a ponto de vingar-se, sabe conter-se e a fúria deixa alar-se; a que não fosse néscia que trocasse salmão por bacalhau com alegre face; a que pensasse e não dissesse nada e aos chichisbéus fugisse recatada; tal mulher, se existisse, claro seja...”

Em outras palavras, uma mulher contida e somente dedicada às prendas do lar. Modesta, recatada e, obviamente, silenciosa como uma espécie de móvel para ornar a casa a qual divide com um marido que assim a enxerga. Uma perfeição que, ele mesmo, considera inalcançável: “tal mulher, se existisse, claro seja”.

Iago usa de cinismo disfarçado de gentileza para deixar bastante claro à Desdêmona que nem mesmo ela está apta a alcançar tais atributos. Ao longo da trama, vemos como ele conduz os personagens ao desfecho trágico que consagrou a peça como uma das mais importantes da pena de Shakespeare e que coloca em xeque a narrativa da culpa. Afinal, quem foi responsável pela morte de Desdêmona? Iago, ao incitar o ciúme de Otelo ou o próprio Otelo que, conduzido pela cegueira visceral, decide estrangular a sua esposa? É interessante lembrar que Desdêmona, agonizante, deixa claro ter sido culpada da própria morte, não permitindo que Otelo fosse acusado. Até o último minuto, manteve a sua lealdade complacente para com seu algoz:

“Ninguém; eu mesma. Adeus! Faze que sempre de mim se lembre meu querido esposo. (Morre)” (Ao final)

A história termina com dois feminicídios, já que Emília é morta por Iago, que tenta evitar que ela abra os olhos de Otelo sobre a trama criminosa em torno de Desdêmona e Cássio, vítimas, assim como o mouro, da ambição e falta de caráter de Iago. É uma narrativa em que as mulheres são punidas, muito embora sejam as únicas inocentes.

“Em outras palavras, uma mulher contida e somente dedicada às prendas do lar. Modesta, recatada e, obviamente, silenciosa como uma espécie de móvel para ornar a casa a qual divide com um marido que assim a enxerga. Uma perfeição que, ele mesmo, considera inalcançável: ‘tal mulher, se existisse, claro seja’”

A Cartomante e a morte pela honra

É deveras interessante que o narrador de *A Cartomante*, conto de 1884, comece com uma referência a Shakespeare. A personagem Rita usa, vulgarmente, a famosa frase de Hamlet para justificar a Camilo, seu amante, uma visita a uma cartomante. O rapaz zomba da credulidade dela e do seu apego a rudimentos e crendices, mas ela afirma que a cartomante a tranquilizou e aceita, sem hesitação, as palavras de consolo. Camilo, mais jovem que Rita, é descrito como alguém que já abandonou as crenças incutidas na primeira infância:

“Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.”

Rita é esposa de Vilela, grande amigo de Camilo. Vilela acolheu o amigo e abriu a sua casa para recebê-lo, permitindo que ele integrasse o círculo íntimo da família. Logo, a descontraída relação de amizade entre o jovem recém chegado e a esposa de Vilela torna-se em algo mais.

“Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femmina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas.”

Páginas antes, Camilo é descrito como um rapaz ingênuo a quem falta o peso do tempo e o traquejo que a vida traz aos experientes. O narrador, então, demonstra como parece ter sido Rita a responsável por atrair o jovem com seu “odor di femmina” ou seja, com a sedução característica de uma mulher que sabe exatamente o que faz. Em outro momento, o narrador destaca:

“Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiui de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.”

Agindo como uma tentadora, Rita é quem seduz o pobre Camilo, levando-o a pôr em risco a amizade de anos com Vilela, ao menos é o que parece sugerir o

ENSAIO



Recorte da Capela Sistina -Michelangelo (Reprodução)

narrador. Também fica subentendido que a falta de cuidado de Rita pode ter sido a causa do trágico desfecho da história. Os amantes terminaram mortos pelas mãos do marido traído e a mulher, mais uma vez, é punida, carregando a culpa de ser uma sedutora e de, ingênua, ter causado o mal que lhes sobreveio.

Mudança de foco: o mal jovial

Se a pena masculina tende a, muitas vezes, corroborar os estereótipos nefastos em torno da imagem feminina, as mulheres, principalmente as das gerações imediatamente posteriores ao movimento feminista da década de 60, passam a colocar em cheque determinados argumentos. Lygia Fagundes Telles autora, dentre outras coisas, do conhecido romance "As Meninas", compõe uma narrativa sagaz e bastante contemporânea no conto "Venha ver o Pôr do Sol", publicado no livro homônimo de 1988. Trata-se de uma história com leves nuances de terror e com uma tensão crescente que prende o leitor até a última linha, deixando um gosto amargo e lúgubre. Apesar do título aparentemente romântico, a narrativa é atravessada de crueza. Raquel recebe o convite de Ricardo, seu ex-namorado, para assistir a um pôr do sol em um lugar inusitado: o cemitério onde estão enterrados os antepassados dele. Apesar de tudo, Raquel não desconfia que o homem de aparência jovial e doce seria, no fim, o seu algoz. Ele a assassinou de forma angustiante e tudo por não aceitar o fato dela ter escolhido viver com outra pessoa. Vemos que Lygia deixa claro a banalidade do motivo e põe sobre os ombros de Ricardo a culpa por não lidar com as próprias frustrações. Ao enterrar Raquel e prendê-la ao cadáver de uma desconhecida, ele demonstra o seu egoísmo e sua indiferença disfarçada de amor. Quem ama certamente não é capaz de negar a alguém o direito à felicidade, mesmo que com outra pessoa. A violência abjeta, tanto física como psicológica, aparecem bem materializadas no texto e por meio dos diálogos e nas reiteradas tentativas de Ricardo de ser cordial, compreensivo e doce, embora já não estivesse bem intencionado desde o momento em que escolheu um cemitério abandonado como cenário de um encontro discreto.

Pena Amolada

Marina Colasanti, recentemente falecida, é autora de uma vasta obra, que inclui livros infantis, crônicas, romances e contos. Marina sempre explorou questões de gênero em seus textos e abordou o universo doméstico como um espaço não apenas de afetividade, mas de conflito. No conto "Uma questão de educação", que integra o livro "Contos de amor rasgados" (1986), ela tece uma trama curta e bastante objetiva, tal qual uma faca amolada que rasga a pele sem o menor pudor.

"Viú sua mulher conversando no portão com o amante. Não teve dúvidas. Quando ela entrou, decapitou-a com o machado."

A acidez quase grotesca da cena demonstra a banalidade do acontecimento. O homem não deu qualquer chance de defesa àquela mulher e arrancou a sua cabeça como quem esfacela um animal de que deseja livrar-se. É uma reflexão aguda e bastante atual em um país que mata, pelo menos, 3 mulheres a cada 7 horas.

"Depois recolheu a cabeça e, antes que todo sangue escapasse pelo pescoço truncado, jogou-a na panela".

O homem cozinha a cabeça decapitada e pretende comê-la, mas acaba não conseguindo e o motivo é surpreendente. Não é a ferocidade do ato que lhe causa ânsias, mas o fato dos cabelos estarem na sopa, o que lhe desagradava desde a infância. O título evoca a ideia de um machismo estrutural que é ensinado aos meninos ainda na tenra idade e que lhes arranca a sensibilidade e capacidade de construir um relacionamento saudável e baseado em diálogo. Uma agressividade tão banalizada, que chegou/chega a ser um sinal de virilidade e masculinidade e justificou/justifica diversas atrocidades ao longo da história. O homem arranca a cabeça da mulher com quem, certamente, dividiu a cama e busca devorá-la em um ato final de egoísmo perverso.

E por fim ... O mal que nos beija é o mesmo que, por um tris, nos torna parte das estatísticas que alçam o Brasil ao ranking de um dos países que mais mata mulheres. O mal que nos beija é o mesmo que deposita flores sobre a cova que ele ajudou a cavar e o mesmo que, impunemente, vive nas sombras de uma sociedade que nos obriga a pedir perdão pela nossa existência.

CRÍTICA

Pequenas coisas, grandes violências

Kaio M. Veloso

Editor da O Odisseu e mestrando em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto (Pós-Letras/ UFOP), e bacharel em Jornalismo pela mesma instituição.



Escrito pela irlandesa Claire Keegan, “Pequenas coisas como estas” é um livro pequeno, mas que apresenta uma história marcante. A narrativa gira em torno de Bill Furlong, comerciante de madeira e carvão, um homem simples que dedica-se ao trabalho e à família, formada por sua esposa, Eileen, e suas cinco filhas. O tempo da história decorre no período de natal, em 1985, quando Furlong está trabalhando a todo vapor para cumprir com uma agenda de trabalho que inclui entregas a um convento local. Ali, descobre que, por trás da imagem de fé das freiras que ali habitam, há um segredo perturbador, mascarado pela influência da Igreja e ignorado pelos habitantes que possuem alguma noção do que se passa por trás das portas. A história desenvolve-se em passagens curtas, em uma



Claire Keegan. Foto: Shutterstock

narrativa seca, objetiva, sem grandes rodeios, que irão nos mostrar Furlong em uma jornada simultânea entre seu interior e o mundo que coloca-se diante dele, entre *flashbacks* de sua própria vida e a realidade a qual descobre, bem como a atitude que deverá tomar diante dela.

É já no segundo capítulo que passamos a conhecer mais da história de vida de Furlong: sua mãe tinha apenas 16 anos quando engravidou, e morre quando o garoto tinha 12 anos. Furlong nunca soube a identidade de seu pai, tendo sido criado na casa da protestante sra. Wilson, empregadora de sua mãe e responsável por garantir ao garoto alguma formação e o pouco dinheiro com que começou a vida após ficar noivo. A certidão de nascimento, com um “desconhecido” no espaço que deveria indicar o nome do pai, atesta seu desamparo, tendo sofrido com a rejeição durante a infância por ser um bastardo, e buscando afastar-se da vontade de conhecer sua própria história na fase adulta.

Em lugar disso, ocupa-se com os afazeres de cada dia e da vida familiar.

Logo nos capítulos seguintes, a trajetória de Furlong, sua preocupação com suas próprias filhas e os acontecimentos que se desenrolam após uma de suas entregas no convento começam a se sobrepôr, gerando incômodo enquanto a narrativa, que mais sugere que revela, se desenrola nas poucas páginas que compõem o enredo. Logo percebemos que Furlong poderia ter tido uma vida muito diferente da que levou, com fins muito mais amargos, tais como aqueles que presencia diante do estado de pobreza e abandono da cidade em que habita. Este estado, não por acaso, acompanha o estado sócio-econômico da Irlanda nos anos em que a história se passa, com um

verdadeiro êxodo em curso de seus habitantes para lugares como Londres, na Inglaterra, ou Nova York, nos Estados Unidos. Negócios fechados, homens entregues ao vício e crianças abandonadas à própria sorte compõem um cenário de verdadeira frieza, misturando-se ao clima austero da localidade geográfica e época do ano. Caso tivesse tido menos sorte, a história de Furlong teria unido-se à de tantas outras crianças, vítimas de um tipo de violência que não se resume à agressão física, mas à própria condição e dignidade humana. Atrelada à história real da Irlanda ao longo do século XX, o que Pequenas coisas como estas busca representar são certos espaços, alguns conhecidos como Lavanderias de Madalena, outros como Casas de mães e bebês, que passariam despercebidos não fossem as investigações que, décadas mais tarde, desvendaram segredos literalmente enterrados por baixo de instituições que, idealmente, pregariam a fé e a caridade.

As lavanderias de Madalena e as Casa de mães e bebês

O caso apresentado no livro de Keegan retrata a realidade destas instituições irlandesas. Embora a história não torne nada explícito, sem jamais cair no mero didatismo, há um posfácio que busca explicar alguns fatos que cercam tais instituições, que datam pelo menos desde 1922, quando foi fundado o Estado moderno da República da Irlanda, sendo que a última delas foi fechada apenas em 1996.

Em reportagem para o El País, Pablo Guimón conta sobre as escavações realizadas em 2017 na cidade de Tuam, que confirmam a existência de fossas com várias ossadas de bebês e crianças em uma antiga instituição chamada Lar de Mães e Bebês do Bom Socorro, que funcionou entre 1925 e 1961. Trata-se de um dos centros sob administração da Igreja Católica que recolhiam mães solteiras e seus filhos na época. Nestes locais, os filhos eram separados das mães e criados pelas freiras até que fossem adotados. Na época, a mortalidade infantil era mais alta entre estas crianças, e dentre as ossadas encontradas, distribuídas entre 17 câmeras subterrâneas, haviam desde fetos de 35 semanas até crianças de três anos de idade.

Chocante, este não se tratou de um caso isolado. Pelo que se sabe, provavelmente esta situação se repetiu nas outras instituições distribuídas pelo país, onde os mortos eram enterrados sem identificação, como já apontava uma investigação da historiadora Catherine Corless, responsável pelo estudo que descobriu certificados de óbito de quase 800 crianças, mas registro de enterro de apenas duas delas.

A violência imposta a estas mães e crianças, desrespeitados em sua individualidade e humanidade, é uma mácula na história recente da Irlanda, que vai ao encontro dos valores de uma sociedade reconhecida por ter sido, ao longo dos séculos, profundamente católica, e ter visto com maus olhos as mulheres que geraram crianças fora do casamento, especialmente aquelas cujo envolvimento havia sido com homens casados.

A Igreja Católica acumula polêmicas na ilha, sendo conhecidos também os diversos casos de abusos contra menores, que levaram à indignação coletiva e até mesmo a um pedido de desculpas público pelo papa Francisco, em agosto de 2018. Com este fundo de violências, a Irlanda busca hoje se reerguer, e histórias como *Pequenas coisas como estas* parecem servir como uma forma de narrar acontecimentos difíceis de digerir, em um movimento que busca pôr luz em fatos históricos complexos, por vezes conhecidos, mas muitas vezes postos para baixo dos panos. O que Claire Keegan faz no livro, através de uma ficção, é descortinar a violência da Igreja Católica com seu protagonista, um homem comum que vê-se diante de uma dilema, entre ajudar uma vítima de abuso ou, como tantos, fechar os olhos e fingir normalidade.



Pequenas coisas como estas

Claire Keegan

Tradução de Adriana Lisboa

Relicário, 2024

128pp.

CORRESPONDÊNCIA INCOMPLETA

Carta só para Marcelino Freire

Márcio Ketner Sguassábia

Pirassununguense de 24 anos, é poeta, autor de "sob o sono dos séculos" (Laranja Original – 2022), "o idioma da memória" (Laranja Original – 2024) e "pedrangulares" (poeCia – 2024). Tem poemas e contos publicados em algumas antologias. Há seis anos, leciona literatura no Cursinho Popular da UFTM, onde estuda medicina.



Marcelino,

escalavrar é verbo barulhento. Como você fez para nele encontrar tanto silêncio? Como é possível um romance assim? Li e reli cada página sem conseguir dimensionar o meu espanto. O meu encanto. Seu livro é monumento. Não só porque megalítico, mas porque inalcançável. Nobre. Digno. Perene. *A arquitetura possível, de lá de onde for*. Nonada. Conficções. A escavação do âmago. A educação pela pedra. Ode às bases primitivas. Mãe, pai, sertão. Linguagem, libertação. Ver um filho de Xangô confiar aos ventos de Iansã a sua história, que é toda a História, certifica e encoraja minha decisão: este é seu melhor livro. Um domínio certo de imagem, forma e som. Uma execução maestrina, tal a mastigação dos alicerces de um preá. O leitor, o país e a língua são, daqui pra frente, menos à míngua por este feito, fruto de sua genuína *multiplicação de generosidade*. Ter tido o privilégio de conhecer os cadernos em que você lapidou cada face de seus megalitos é honra grande. Poder ouvir seu entusiasmo travesso de encontrar a foto da capa em meio aos catálogos do museu é também compartilhar a alegria por mais este filho finalmente posto no mundo. Sua obra, meu amigo, é árvore frondosa, sob a qual nos alimentamos e nos renovamos. Sob a qual sonhamos e acreditamos. Sob a qual reunimo-nos e revolucionamos. Vida longa a você e ao belo rebento.

Fica, aqui, meu abraço forte e atento,

Márcio

D'onde ronca o peixe/SP
15-V-2025

DIVULGAÇÃO

CRÍTICA

Ensaio sobre a aporofobia

Ewerton Ulysses Cardoso

Comunicador, designer, editor-fundador da revista O Odisseu. É ficcionista com contos publicados em antologias e pesquisador em literatura na Universidade Federal da Bahia.



Eles estão por toda a parte e são uma questão de saúde pública, mas também de seguridade social, de educação, de mobilidade urbana. Como chamá-los? A tradição me sugere o mendigo, palavra que, talvez, não seja a mais adequada neste momento político. O novo livro de minicontos de Whisner Fraga, "As fomes inaugurais" (Editora Sinete, 2024), se propõe a pensá-los, mas não apenas eles: eles todos nós em seu entorno, todas as instituições que os vigiam, que os controlam (ou tentam controlá-los) e os afetos que transitam em torno do imaginário simbólico dessas figuras. Como chamá-los?

mendigo é diferente de morador de rua e pessoa em situação de rua é pior, morador de rua escolhe morar na rua, e pessoa em situação de rua pousa no abrigo, sem o cachorro, pois não recebem bichos lá, e vários têm animais de estimação [...] - Trecho do miniconto "brasões, flâmulas, insígnias".

Na maioria dos minicontos de "As fomes inaugurais", Fraga os chama pelo pronome eles, pronome que funciona como forma indefinida para se referir a um grupo de forma generalista: não especifica cor, nem raça, nem sexo, nem cidadania. São "eles": "eles têm tesão" (miniconto "o apetite imaculado"), "eles ficam se embriagando" (miniconto "mensagem"), "eles têm direitos?" (miniconto "solução"), "eles se despem" (miniconto "critério").

Esse grupo inominável transita por aí gerando incômodos em todos os lugares em que passam. É impossível não reagir a eles e Fraga tenta registrar em seu livro de minicontos todas as reações possíveis. Faz isso, no entanto, banhado de uma criticidade que não deixa ninguém, nem eu e nem você, passar ileso. Na brutalidade de sua prosa, o autor aborda o cinismo do



Whisner Fraga (Divulgação)

religioso que ajuda um deles, mas grava a doação para se gabar nas redes sociais, bem como das instituições religiosas que até os ajudam, mas desde que ouçam a pregação do pastor ou do padre, numa espécie de barganha na qual a comida é moeda de troca para a conversão compulsória. Mas nós, os esclarecidos, os militantes, também não deixamos de ser criticados. No miniconto "O apetite dispendioso", Fraga apresenta militantes bem intencionados que, estão tão felizes em oferecer, não apenas uma refeição, mas uma boa refeição a um deles, no entanto, há um problema, a chuva: *a chuva estreia o desarranjo na avenida e isso estorva toda a nossa boa vontade*, escreve, sem nos poupar do incômodo peso da consciência que nos faz pensar que somos nós esses.

Nossa boa vontade é, de fato, muito frágil. Quando ajudamos, geralmente, é porque as condições são favoráveis porque não estamos dispostos a fazer o mínimo esforço para mudar a situação de alguém. Veja, desde que o PIX se popularizou, eu e todos os meus amigos, numa situação de um pedinte, sempre trocamos a mesma frase: "poxa, depois do PIX não ando com mais nenhuma moedinha na carteira". Que alívio dizer isso, confesso! Que alívio egoísta que essa ação do capitalismo impessoal nos proporcionou. Semelhante alívio sentimos ao dizer coisas como "eles não querem comida, querem dinheiro para se drogar", quando, na verdade, não temos como saber disso e, se temos, que diferença faz? Um alimento, uma droga, que diferença?

Nossa consciência social não nos impede de refletir uma sociedade que, francamente, não tem o menor interesse em ajudar essas pessoas. Essa também é a crítica de Fraga, uma crítica confrontativa que surge para causar avassalador incômodo ao nosso bem-estar insolente.

CRÍTICA

De todo modo, sabemos que uma crítica consistente não é que basta para fazer de um livro um bom livro. É preciso saber como o autor tratou das questões ali colocadas, dentro de uma roupagem estética que seja interessante. No posfácio, o ensaísta Hugo Almeida escreve “Como em vários contos, a maioria, o fecho é um susto, o soco do nocaute da receita cortaziana”, em referência à máxima de Julio Cortázar sobre a escrita de contos e narrativas curtas em geral.

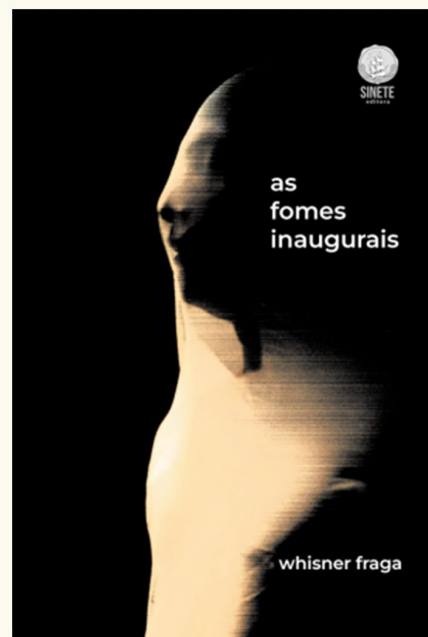
Fraga se apropria dessa técnica e, aliás, técnica é uma palavra muito boa para definir o trabalho que o autor faz nesses minicontos. Seguindo não apenas o que determinou Cortázar, mas também às próprias referências dos contos e minicontos da tradição brasileira (de Marcelino Freire a João Gilberto Noll), o autor de “As Fomes Inaugurais” é um autor de rigor técnico. Ele domina a forma, sabe como trabalhar a história que ocorre na profundidade da linguagem como é de se esperar no conto. Muito é dito nas entrelinhas e o leitor precisa estar atento. A proposta de surpreender o autor com cenas inquietantes também é um recurso muito bem utilizado aqui.

Fico pensando, somente, no espaço em que a técnica aparece como uma moldura perfeita para a matéria literária (tenho pensado muito nisso, aliás). A rigidez na escrita dentro de uma proposta de escrita criativa específica me parece algo que, por vezes, pode limitar o impulso avassalador da linguagem de se fazer reinar sobre a narrativa. Em outras palavras, o domínio da técnica pode tornar o seu texto mais preciso, mas também encerra a experiência de leitura em estruturas que são, de certa maneira, previsíveis. A subversão do modelo proposto, inclusive por Cortázar, é válida quando o que se tem para contar se impõe de tal maneira que já não é mais possível recorrer aos moldes.

Whisner Fraga é, portanto, um autor que demonstra controle do seu texto: ele sabe de onde partir e sabe para onde chegar, tem controle sobre as possibilidades de leitura e também quanto às reações que busca ter no leitor. Fazer isso, é claro, demanda

enorme esforço de aprendizagem, estudo sério que é visível na leitura da obra. Mas não deixo de ficar me perguntando sobre os tensionamentos possíveis. Ao recorrer ao susto e ao assombro, vez após outra, me permitiu reconhecer algumas semelhanças nas estruturas, certa repetição. Fiquei esperando, por exemplo, de um romper emocional que provocaria a queda da expectativa. Afinal, é um assunto que demanda também emoção, demanda também quebrantamento. Os afetos entre os mendigos, por exemplo, foram muito limitados ao espaço do sexo quase animalesco e desprovido de afetividade. Um sexo que é puramente desejo. Mas e o afeto? Como explorar isso? Porque estar na rua também é solidão.

Ao nos apresentar minicontos que trabalham com o assombro, Whisner Fraga conseguiu criar um livro capaz de provocar os incômodos certos, despertando o leitor para uma realidade que a maioria de nós não quer ver. Essa inquietação é bem-vinda e, talvez, seja o que de melhor que a literatura possa nos oferecer hoje. Portanto, um livro que surge em um contexto que pedia por tal provocação. Whisner Fraga atentou ao chamado do tempo.

**“As fomes inaugurais”**

Whisner Fraga

Editora Sinete, 2024

88pp.

**“Uma crítica
confrontativa que
surge para causar
avassalador
incômodo ao nosso
bem-estar
insolente”**

ENSAIO

Exumação de corpos

horror, violência e estranheza nas literaturas de mulheres latino-americanas

Mylena Queiroz

É doutora em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. É professora e pesquisadora efetiva na UECE, onde coordena o projeto de Iniciação Artística "Gêneros: autoria feminina e insólito". *Sangue de Cabra* (Patuá, 2025) é seu livro de estreia na ficção.



Maria Fernanda Ampuero. Foto: Isabel Wagemann (Reprodução)

Nesta América Latina contemporânea, são muitos os nomes de mulheres que escrevem como quem foge para sobreviver, como quem exuma um cadáver. Escritos com violência e horror, há textos que ressoam como murmúrios inquietos ouvidos pelo chão de terra, pelos ossários, pelo abafado da mente, em lugares onde as histórias se recusam a morrer.

Em *Capitalismo Gore* (2022), a transfeminista mexicana Sayak Valencia aponta como mecanismos do capitalismo tardio — especialmente em contextos periféricos e fronteiriços — produzem e reproduzem regimes de violência extrema que atingem, de forma brutal, corpos às margens, como os de párias sociais, os corpos de crianças e os de mulheres. Para a teórica, esses corpos descartados não são exceções, mas regras do sistema.

Nesse cenário, mulheres que escrevem sobre essas temáticas são também corpos que insistem em não ser descartados. Escrevo aqui sobre os casos Maria Fernanda Ampuero, Ana Paula Maia e Samanta Schweblin. Gosto de pensar as escritas dessas mulheres como atos de invocações, pois fantasmas pessoais e coletivos, traumas íntimos e históricos, corpos dilacerados e doenças desconhecidas atravessam suas páginas como espectros que não aprenderam a descansar.

O horror do corpo e da palavra de Maria Fernanda Ampuero

A escritora e jornalista equatoriana Maria Fernanda Ampuero tece suas narrativas com uma linguagem visceral, tratando de temas como violências de gênero, migração, desigualdade social e traumas familiares, quase sempre com a fúria das perspectivas femininas. Com obras como *Sacrificios Humanos* (2021) e *Rinhas de Galo* (2021), a autora tem sido reconhecida como um dos grandes nomes da escrita latino-americana na contemporaneidade.

Publicada no Brasil pela Editora Moinhos, em *Rinhas de Galo* (*Pelea de Gallos*, 2018) a linguagem, muitas vezes, parece se aproximar da fala, da memória, dos sussurros e dos gritos. Sua escrita vem ao corpo, é sensorial. São enfatizados cheiros, texturas, sons, marcas e sensações, algumas vezes com um erotismo desconfortável e doloroso.

No conto "Monstros", por exemplo, acompanhamos a história de duas irmãs fãs de filmes de terror. Elas descobrem, mais tarde, que o verdadeiro horror estava bem mais perto delas: com as violências e os sofrimentos vividos pela trabalhadora doméstica que mora na mesma casa. Em "Leilão", conto que abre o conjunto de narrativas, a narradora recorda estratégias de sobrevivência que se fizeram necessárias em sua infância, em meio a homens assediadores amigos do seu pai, quem frequentava rinhas de galo. No tempo em que narra, a mulher, sequestrada, ativa tais memórias para se livrar da violência que a levou e a mantém naquele lugar, ao sentir o cheiro, não muito distante, de galos.

Dessa maneira, com seu horror corporal, a autora nos faz sentir as dores, a sujeira e a movimentação dessas personagens que lidam com temores tão caseiros e tão palpáveis. Na crueza quase lírica de Maria Fernanda Ampuero, é o corpo feminino

ENSAIO

que aparece enquanto território de violência, mas que também surge como habitação de rebeldia. Tão vívidos e próximos que quase conseguimos tocar.

Literatura da decomposição em Ana Paula Maia

Apresentando frases curtas e ritmo acelerado, a literatura de Ana Paula Maia, autora de diversos contos e romances, desvela nossos distanciamentos, apontando a brutalidade como cotidiana enquanto acompanhamos carcereiros, queimadores de cadáveres, operários de matadouros: trabalhadores que lidam diariamente com a morte e a decomposição.

Com obras como *De gados e homens* (2013) e *Enterre seus mortos* (2018), Ana Paula Maia, autora que recebeu o Prêmio SP de literatura duas vezes seguidas, consolidou-se como uma escritora capaz de transformar o ordinário em algo inquietante, explorando os subterrâneos de uma sociedade que prefere ignorar seus próprios mortos.

Em seu sexto romance, *Assim na terra como embaixo da terra* (2017), acompanhamos uma narrativa centrada em uma colônia penal prestes a ser desativada. Isolada, sem definições que permitam certeza, o espaço pode se tratar do Centro-Oeste brasileiro. Aquele cenário de homens presos por crimes hediondos eleva ainda mais essa imagem do abandono: o diretor do local caça esses detentos como se fossem javalis. Quando se refere às violências e aos trabalhos braçais, a autora recorre a termos quase burocráticos, o que gera um efeito de desconforto.

As repetições e o tom impessoal de algumas passagens fazem com que o sofrimento humano soe como parte de um ciclo mecânico, impessoal, refletindo um mundo em que a vida tem pouco ou nenhum valor. Nesse sentido, Maia constrói uma narrativa densa e claustrofóbica, de maneira que a violência aparece como parte da engrenagem social — uma violência estrutural, silenciosa, que vai moendo corpos e vontades de existir.

Na concisão da escrita de Ana Paula Maia, o não-dito também carrega violência. No título de *Assim na terra como embaixo da terra*, bem como no texto, ela aponta o inferno como terreno. Aqui e agora. Nesse movimento, ela nos obriga a olhar para aquilo que normalmente desviamos os olhos — e nisso reside a força desoladora de sua literatura.

No colapso da normalidade: Samanta Schweblin

Operando na chave do perturbador e do inquietante, a escritora argentina Samanta Schweblin explora o horror que emerge justamente daquilo que seria familiar. Em suas narrativas, o cotidiano se dobra, lentamente, em direção ao absurdo e ao estranhamento. Sua escrita é marcada por uma aparente simplicidade formal — vocabulário direto, diálogos rápidos —, o que contrasta com a carga simbólica e psíquica das situações, criando uma tensão constante entre normalidade e colapso. É o que se nota em *Pássaros na boca e sete casas vazias: contos reunidos* (2022) ou em *Distância de Resgate* (2024).

“Maia constrói uma narrativa densa e claustrofóbica, de maneira que a violência aparece como parte da engrenagem social — uma violência estrutural, silenciosa, que vai moendo corpos e vontades de existir.”

Ana Paula Maia. Foto: Marcelo Correa / Divulgação



ENSAIO



Samanta Schweblin. Foto: FRANCESCO GATTONI / LUZ / REDUX

A novela publicada no Brasil pela Fósforo, *Distância de Resgate* (*Distancia de rescate*, 2014) acompanha uma mulher à beira da morte, dialogando mentalmente com um menino enigmático que a conduz por lembranças desconexas. O cenário interiorano se torna fonte de ameaça, onde questões ambientais, corpos adoecidos e intervenções sobrenaturais se misturam. Hipnótico, o horror se instala no que permanece indefinido: a contaminação, o envenenamento por agrotóxicos nas zonas rurais, a vulnerabilização de corpos infantis. O ambiente se torna uma armadilha invisível, carregada de ameaças tóxicas que se infiltram no cotidiano das personagens. Nisso, a presença do estranho no familiar — o *unheimlich* freudiano — estrutura a experiência de leitura, acompanhada de espaços domésticos e relações corriqueiras se transformam em território ameaçado.

É uma escrita que não grita, mas sussurra algo que quem lê não sabe exatamente se quer ouvir. Assim, a potência da linguagem de Samanta Schweblin está no modo como ela constrói o horror sem recorrer ao explícito, mas sim tensionando o real até que ele se quebre, revelando o abismo que existe sob a superfície do cotidiano. Que pode ser o seu ou o meu. Colapsando a qualquer momento.

Seja no corpo dilacerado de Ampuero, na decomposição mecânica de Maia ou no estranho infiltrado no cotidiano de Schweblin, elas escrevem a partir das ruínas, a partir dessa América Latina que - como descreve Sayak Valencia em *Capitalismo Gore* (2022) - se sustenta na lógica da morte, do descarte e da violência. Ao lermos suas obras, invocamos os rastros de quem transforma feridas abertas em matéria literária, de quem se recusa a desaparecer. De quem reclama cadáveres nesse cenário que, cotidianamente, tritura e se desfaz de corpos à margem do capital.

“A potência da linguagem de Samanta Schweblin está no modo como ela constrói o horror sem recorrer ao explícito, mas sim tensionando o real até que ele se quebre, revelando o abismo que existe sob a superfície do cotidiano”

CRÍTICA

Cemitérios clandestinos da memória

A escrita arqueológica de Julia Codo em *Caderno de Ossos*

Juliana Lesquives

É professora e pesquisadora. Graduada em Letras e Mestre e Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. É também autora do livro "Violência como sistema: estudos de narrativas literárias e cinematográficas brasileiras contemporâneas" (2021) e professora da rede municipal de ensino da cidade de Salvador.



Julia Codo (Divulgação)

"A história não é, portanto, uma duração; é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros." (Michel Foucault, Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento)

Estreia da autora Júlia Codo no gênero, o romance *Caderno de Ossos*, publicado em 2025 pela Companhia da Letras, conduz o leitor de modo desassossegado às ruínas da memória de sua narradora e da história coletiva do país, ao revirar o passado da ditadura militar de 1964. Movida pela necessidade de cuidar do avô idoso com Alzheimer, a personagem principal retorna ao Brasil após anos morando no continente europeu. O Brasil em questão é o Brasil contemporâneo, em pleno 2019, sob um governo de direita declaradamente defensor do regime militar e às vésperas do cenário pandêmico da Covid19. No capítulo intitulado "As coisas não funcionam mesmo", surge a reflexão: "Você pisca e já é 2019. Quem volta ao Brasil em 2019?", em referência ao conturbado cenário político daquele ano. Evidenciada a premissa para o desenrolar da

da narrativa fragmentária e intrigante da autora, somos encaminhados cuidadosamente a acompanhar a incursão da personagem em seu passado e de sua família, em sua infância e nas vias subterrâneas da ditadura militar brasileira.

Nos deparamos com a consagrada temática do retorno do indivíduo a seu espaço de origem, no caso em questão, o país de nascimento e a casa da família. A autora coloca o passado nacional diante de nós por meio do olhar de uma personagem em primeira pessoa desanimada com a vida social do país, carregando o sentimento de desilusão que assola o Brasil contemporâneo -, desde o regime ditatorial até os dias atuais. Um retorno sempre incômodo, contorcido sobre as próprias angústias e sobre o medo de lidar com aquilo que passou, que já não pode ser. Não me parece que o leitor tenha escolha, esse retorno é feito de forma tão gradual que, quando menos se percebe, já se está completamente envolvido pelas sombras que se projetam na história.

Nas relações familiares, a imponente esperada para a figura patriarcal do avô Ernani, se dilui em uma

CRÍTICA

“Em *Caderno de Ossos*, lidar com a família com quem não se convive há um tempo é também lidar com as lacunas, com a falta de respostas, com a dificuldade de acessar os segredos das relações, com os laços já desgastados.”

perspectiva branda, como evidencia a forma carinhosa como a narradora o chama, o Nani, e também em seu pesar ao se deparar com o comportamento distante e confuso do homem que fora sempre ativo e alegre, agora acometido pela doença. Ao longo da narrativa, essa imagem da doença, do esquecimento e da deterioração do avô se converte em alegoria da memória nacional para o passado e para os crimes do regime não investigados a tempo e que atualmente parecem apenas um punhado de vestígios, enigmas sem solução.

Em *Caderno de Ossos*, lidar com a família com quem não se convive há um tempo é também lidar com as lacunas, com a falta de respostas, com a dificuldade de acessar os segredos das relações, com os laços já desgastados. Nesse sentido, o diálogo com a mãe se torna moroso quando o assunto é o passado político da família. Se não há maiores desentendimentos, não faltam tensões nos momentos em conjunto permeados por não ditos, como demonstra a descrição a seguir, feita pela narradora, da casa em que morou na infância: “A casa também me parecia demente, com seus espaços que perderam a cor e tenacidade, os objetos esquecidos ou exercendo funções estranhas...”. Em outro momento, descreve o imóvel como se tivesse sido desbotado pelo efeito de alguma água sanitária que lhe fora jogada, nas palavras da narradora.

Comparada a um sítio arqueológico, a casa é vista como um local de civilização morta, repleta porém de rastros daqueles que um dia viveram ali. Seus habitantes estão meio mortos, como as dores minuciosamente comparadas no texto com as dores fantasmas que aqueles que sofreram mutilação sentem nos órgãos perdidos. Os itens de decoração, a escolha monocromática dos quartos, cada um decorado totalmente de uma única cor, verde, rosa, azul, o buraco que se abriu no chão da garagem, a ausência das plantas da avó já falecida, a boneca sem olho e sem braço, o olho de vidro e os cadernos de Eva - a tia desaparecida durante a ditadura militar -, tudo se converte em metáfora para as lacunas da memória e para a necessidade que mobiliza a narradora na busca pelo entendimento sobre o passado.

Alegorizando a construção do país, feita sobre as covas de seu próprio povo, massacrado por uma desigualdade atroz e assassinado quando ousa lutar por

justiça, nada funciona direito nessa casa: a torneira emperra, o box não abre... tal como nada no país parece funcionar -, como se fosse quase impossível fazer o passado falar e dar conta de soluções básicas. A cada objeto acessado, a personagem vai tentando montar uma narrativa que preencha as lacunas de sentido de sua história de vida, que ela percebe como grandes buracos, compara-os com buracos negros intergalácticos e projeta-os na enorme cratera surgida na garagem da casa a esconder os dejetos: “Eles precisaram chamar os bombeiros, o guincho e mais tarde um engenheiro. O homem disse que o piso devia ter cedido por estar localizado em cima de uma fossa; era comum as casas dessa época não terem rede de esgoto”.

Ao agenciar todos esses símbolos, Júlia Codo constrói um romance fragmentado, mas repleto de pistas, indícios, objetos, que, muitas vezes, aparentam estar mais vivos do que os próprios seres viventes. Faz o leitor ir junto seguindo rastros, encontrando objetos, limpando a poeira do tempo de cima deles, unindo pedaços de vida, cacos de ansiedade, angústias, desesperos. Adentrando túneis, escavando o que foi proibido, desenterrando os próprios mortos. A narrativa não linear, cheia de cortes cinematográficos, compõe o mosaico de um Brasil muito diverso temporalmente: passando pelas décadas de 50 a 70, nascimento de Eva e o regime militar; pela década de 90 e os relatos da infância da narradora; pelos anos 2000 e as mudanças políticas, principalmente ocorridas na última década. Itinerário que parece arrastar sempre um enjoo civilizatório que não passa, de uma ferida no estômago apodrecida, mas que precisa ser revirada, investigada. A casa é arqueológica e igualmente arqueológica é a escrita da autora.

A respeito do silêncio imperativo da família que gira em torno do desaparecimento de Eva nos porões da ditadura, a narradora tenta estabelecer diálogo com a mãe sem sucesso, ouve como resposta apenas que esta se sente muito cansada, exausta. A doença do avô já não permite que ele fale algo sobre a própria filha e a sensação que é construída é a de que, mesmo que estivesse com saúde, também não falaria. Eva é o assunto proibido, a dor que todos tentaram apagar inutilmente. Codo expõe o que há de mais humano e desumano nesses assassinatos: Eva é uma presença fantasmagórica no romance, mas sua morte é também muito material, a mesma Eva “ainda armazenada numa das caixas do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense, os ossos desmontados e empilhados, como as minhas memórias.”

Mesclando história e ficção, no romance, e explorando resultados de pesquisa acurada sobre a reverbração dos crimes da ditadura, a autora, em sua escrita de idas e vindas temporais, põe em cena a descoberta, ocorrida em 4 de setembro de 1990, da vala clandestina no Cemitério Dom Bosco, em Perus, na Zona Oeste de São Paulo, que escondia mais de mil ossadas de presos políticos do regime. Juntamente a isso, são apresentados os impasses envolvendo a Comissão da Verdade, criada em 2011, e os esforços do governo em 2019, liderado pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro, para interromper as pesquisas de

CRÍTICA

identificação das ossadas encontradas, o que a narradora chama de “política do esquecimento”.

Episódios reais da história do país são entrelaçados às informações sobre a infância da personagem Eva - desde criança com uma história de vida um tanto clandestina, como filha do avô fora do casamento -, a sua atuação no movimento estudantil e seu desaparecimento. A morosidade das identificações desgastam os familiares já cansados do sofrimento dessa história. Tudo parece se arrastar, menos a escrita arqueológica de Codo, que instigante e contundente nos leva com fluidez. A sensação de pertencermos de modo íntimo à história coletiva da nação é projetada pela fusão do público com o privado, e a construção do entrelace entre a história política do país e a história íntima das personagens bem construída pela autora. Ao passo que nos comove sem ser piegas, desperta um sentimento de identificação, de mergulho na busca interminável por respostas que são de todos nós.

O medo extremo de que a história de Eva seja esquecida encontra na boneca que pertencia a ela uma simbologia para o desespero de viver em um país que não aprendeu a respeitar seu passado e que, portanto, não está disposto a corrigir seus erros políticos. Batizada de Cassandra, a boneca evoca o mito da personagem grega, profetisa amaldiçoada por Apolo, por rejeitar sua investida amorosa, a ser sempre desacreditada de suas profecias, e que passa a ser tomada como uma mulher louca que anunciadora de desgraças. No romance de Codo, a boneca Cassandra sem um olho, tal qual sua dona, Eva, e sem um braço, deixada no fundo de um armário velho, cumpre seu papel de ser uma figura que amedronta e que simboliza o esquecimento relegado às vítimas do Estado. Símbolo de uma profecia que anuncia que a violência estatal se repete, que pode se intensificar e que precisa ser combatida, concorre com a sensação de que não é ouvida -, aqui um objeto simplório e deteriorado ganha dimensões políticas.

Codo consegue erigir uma narrativa que não se dispõe a apenas voltar a um passado obscuro da história nacional, mas sobretudo a conectar os episódios históricos entre si e a sua própria existência e a de sua geração. Ao classificar o período em que nasceu como “o que sobrou do século”, um século cheio de desgraças históricas, a narradora se reconhece como fazendo parte de um geração que não presenciou o momento de endurecimento político, nascida já durante a redemocratização do país, mas que hoje adulta, vivendo o momento atual, consegue enxergar as consequências dos períodos anteriores e o que restou da ditadura em nossa sociedade. Tal como explicita já no início da narrativa: “Nasci no Brasil nos anos 1980, não vi as duas grandes guerras, o Holocausto, nem a Guerra Fria. Não vi os tanques circulando nas ruas, os generais de óculos escuros. Vi a virada do século, a chegada do celular, da internet...”. Quando afirma “Não sei se falo do passado, do presente ou do futuro.”, cria-se um lapso temporal que funde os três tempos em um só, como se a realidade de injustiça e de perseguição se arrastasse sem fim.

Os sonhos, a imaginação, o desejo por esclarecimentos alimentam os espaços vazios mas nunca preenchem totalmente as histórias, estabelecidas sempre

“Codo consegue erigir uma narrativa que não se dispõe a apenas voltar a um passado obscuro da história nacional, mas sobretudo a conectar os episódios históricos entre si e a sua própria existência e a de sua geração.”

como falha e como ruína. O pó da casa, Eva na fotografia com o cabelo cobrindo o rosto, as ossadas encontradas na vala clandestina, o diálogo parco com o marido, são as evidências da precariedade da memória e de seu caráter impreciso, pensa “na memória como um mecanismo danificado, as cenas esquartejadas na minha lembrança, os pedaços faltando, como ossos da Eva, jogados num saco plástico azul.”

Em *O que resta da Ditadura?*, Edson Teles e Vladimir Safatle nos lembram de que o Brasil foi o único país da América Latina a não julgar os crimes cometidos no período ditatorial e que, portanto, “o passado ditatorial permanece como um fantasma a assombrar e contaminar o presente”. Esse passado se mantém na truculência policial, na manutenção das torturas de todos os tipos dentro do sistema prisional, em falas de militares e de governantes de exaltação do regime, no empenho ainda não satisfatório em desvendar os crimes ocultados em covas rasas. É justamente nessa úlcera que o romance de Júlia Codo se propõe a tocar. É perceptível sua denúncia ao escancarar a violência de falas e ações governamentais: “Não dá pra viver de passado, foi o que também disse a nova ministra do então novo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos quando extinguiu o grupo que trabalhava com as ossadas de Perus.”

“Há muitas formas de desaparecer”, nos diz a narradora. Políticas, históricas e simbólicas. É justamente a vontade de preservar nossa história política que emerge do texto de Codo. É o desejo de que chegue a hora de ver o corpo, mesmo sem vida, “mas com ao menos alguma materialidade, um nome, uma história..., sendo enterrado com nome, deixando de ser resíduo para ser vestígio, rastro de passagem pelo mundo.” Tornam-se os leitores também ativos arqueólogos a escavar as pistas que vão sendo reveladas pelo texto, seus cortes, seus não ditos e sua trama de flashbacks e de descrições oníricas em busca de justiça. Arqueólogos do futuro, como afirma a narradora preocupada ao imaginar qual seria a visão da posteridade sobre a situação governamental do país atualmente. A preocupação da autora vai também no sentido de nos deixar uma história instigante. *Caderno de Ossos* é político e é igualmente simbólico e sensível.

ENTREVISTA

O algo, ou Rita de Podestá entrevistando Julia Codo

Rita de Podestá

Mineira de Belo Horizonte, nascida em 1985. Escritora e roteirista, é autora de *Zaranza* (Reformatório, 2021), livro de contos semifinalista do Prêmio Jabuti e finalista do Prêmio Candango de Literatura, ambos em 2022. *Parapeito* (Cachalote, 2025) é seu primeiro romance.



Julia Codo. Foto: Carolina Valentim (Reprodução/ Instagram)

Conheci a Julia em uma oficina de escrita. Éramos as mais novas do grupo e lembro de achá-la inteligente demais, bonita demais, mas para além disso, lembro de perceber que havia um *algo* nela. Na volta do curso para casa, fazíamos o mesmo percurso a pé. Éramos praticamente vizinhas. A princípio não nos falávamos, ela sempre caminhava na frente. Julia é pequena, mas anda rápido como se tivesse pernas enormes. Um dia, ela parecia triste, apertei o passo e perguntei se estava tudo bem. Desde então, caminhamos juntas.

Eu tinha chegado em São Paulo há pouco mais de

um ano e em todos os eventos literários que fomos juntas eu não conhecia ninguém. Foi ela quem me introduziu à bolha literária paulistana. A verdade é que, em Belo Horizonte, eu nunca tive amigos escritores. Com o tempo, fui conhecendo melhor a Julia – e lendo melhor a Julia. Na vida e na ficção. Ficamos tão próximas que as pessoas começaram a nos achar cada vez mais parecidas. Era só uma impressão. Havia uma diferença fundamental entre nós. Havia *o algo*.

Um dia, a Julia me disse que escritores são seres esquisitos e que eu, embora escritora, não era. Aquilo me incomodou, sem que eu soubesse exatamente por quê. Hoje eu sei. Ou acho que sei. É que eu tentava demais pertencer. A Julia, não. Foi aí que percebi: *o algo* era a constância dela em ser ela mesma. Não importa a etiqueta, o clima ou a ocasião – a Julia é sempre a Julia. E tem sido cada vez mais raro encontrar alguém com a audácia de simplesmente ser quem se é.

Essa autenticidade única está impressa também na sua escrita. *Caderno de ossos*, seu novo romance, não foge à regra. Ao ler o livro, o estranhamento que sentimos diante do absurdo nasce justamente da forma singular com que ela constrói a narrativa: fragmentada, vertiginosa, oscilando entre o mínimo e o máximo, cheia de buracos que desmontam o real até que a ficção se torne verossímil. O que eu não sei, e tenho medo de saber, é se *Caderno de ossos* mostra o ser humano tendo coragem de ser quem ele é ou o contrário.

Vou começar com perguntas que seu livro me fez fazer:

Você acredita em fantasmas? Se sim, qual fantasma você gostaria de ver?

Eu acredito mais em fantasmas imateriais, se bem que nenhum fantasma tem matéria. Enfim, acredito muito em fantasmas metafóricos. Os verdadeiros fantasmas pra mim são os traumas. Li uma entrevista com a Mariana Enríquez em que ela dizia o seguinte:

“Um fantasma é algo ou alguém cujo trauma se repete sempre, de modo a aprisioná-lo. Os traumas históricos – e na Argentina há muitos deles – também são assim”.

Acho que se encaixa perfeitamente ao caso brasileiro: temos esses fantasmas coletivos. Mas cada um

ENTREVISTA

de nós também tem fantasmas individuais. Eles voltam de vez em quando para assombrar.

Pensado assim, não gostaria de ver fantasma nenhum, mas sei que é inevitável encontrá-los. Já se considerarmos um fantasma apenas uma alma penada tradicional, ou seja, a reaparição de alguém que já morreu, acho que gostaria de receber uma visita do meu pai, dos meus avós e outros antepassados que não conheci e me despertam muita curiosidade. Também seria interessante bater um papo com Machado, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Cortázar, Elis Regina, Nina Simone, Pepe Mujica etc.

Deixo aqui um pedido, caso algum desses fantasmas decida me visitar: venha de mansinho e sem dor de barriga, por favor não me assuste e preferencialmente chegue com os próprios traumas superados.

Seu livro tem muitas listas: o que a protagonista vê na rua, na casa, o que ela sente. Qual seria a sua lista perfeita?

Lista dos meus erros mais graves; Lista das piores decorações de consultório de dentista; Lista de todas as taças de vinho que já quebrei; Lista de calcinhas e meias da gaveta de calcinhas e meias; Lista das dores mais incômodas no corpo; Lista das manchas mais tristes do fundo de uma xícara de café; Lista das listas mais inúteis já criadas no mundo.

O que você já perdeu em um buraco negro?

Muitos guarda-chuvas.

Mas também boa parte da minha memória. Recentemente me dei conta de que perdi muitas lembranças de infância, adolescência e início da vida adulta. Gostaria de me lembrar muito mais.

Seu livro é também um livro sobre o silêncio. Para você, qual a palavra mais silenciosa que existe?

Não pensei muito, mas acho que é “ar” (dita com a boca quase fechada, como um sopro bem fino vindo do fundo da garganta).

A mãe da protagonista diz que ela e Eva (a tia desaparecida) tinham um olhar desconfiado, que pareciam um bicho. Se você fosse um bicho, qual bicho você seria?

Acho que eu me pareço com uma coruja, mas gostaria de ser um bicho mais bonito, talvez um beija-flor, ou então um bicho bem indomável, tipo uma pantera.

E roubando uma pergunta que a protagonista acha essencial para conhecer alguém, me toquei que mesmo te conhecendo bem, não sei qual a sua música preferida. Qual é?

Não faça isso comigo, Rita. Essa é uma pergunta que eu acho boa de fazer e muito difícil de responder, ainda mais para mim, uma geminiana que ainda não decidiu se acredita nos signos do zodíaco.

Para voltar ao tema da infância, vou deixar aqui três

“Os verdadeiros fantasmas pra mim são os traumas”

músicas que lembro serem as minhas preferidas quando era criança: Eclipse oculto (Caetano Veloso), João e Maria (Chico Buarque), O canto da cidade (Daniela Mercury – composição de Tote Gira).

Se fosse escolher minha música preferida de hoje, passaria o dia todo em crise. Por favor, me ajude.

Tá, agora, algumas perguntas um pouco mais específicas:

Tem uma cena do livro no qual as crianças brincam como se estivessem em um bunker, e um personagem quer ser o Lula. Você descreve essa cena de um jeito maravilhoso porque é simplesmente uma narração e não uma interferência da autora. Digo isso porque eu sei que você brincava de “ditadura” com suas primas. Como era isso? E se fosse hoje, do que você acha que você e suas primas “brincariam”?

Sim, “Caderno de ossos” não é um livro autobiográfico, mas essa cena foi muito inspirada nas minhas brincadeiras de infância. Quis fazer os fragmentos de memória com os verbos no presente e criar esse efeito de cena acontecendo na hora, na frente do leitor.

A brincadeira de ditadura com as minhas primas era muito parecida com uma brincadeira comum de cowboy ou de bandidos contra mocinhos, com a diferença de que os bandidos eram os militares, e os mocinhos, aqueles que um dia foram chamados “terroristas” ou “subversivos”.

Hoje, não sei, será que alguém ia querer ser o Xandão? Pensei numa trama agora: Marina Silva e Sônia Guajajara contra agropecuaristas, garimpeiros ilegais e outros desmatadores da Amazônia.

Na pandemia nós brincamos de criar respostas absurdas para salvar o mundo, lembra? Você acha que o mundo pode ser salvo?

As nossas propostas eram tão absurdas – acho que a mais plausível era filmar Carlucho e Eduardo Bolsonaro praticando atos libidinosos com outros homens – que mostram que a salvação só é possível no plano da fantasia. Por outro lado, o mundo foi sempre um lugar muito complicado, e a espécie humana, bem estúpida, mas também sempre houve resistência a algumas vitórias importantes. Mas não ando muito otimista ultimamente, pra falar a verdade.

Quando a protagonista vai à manifestação, ela fala do sentimento de um “engajamento episódico”. Você acha que esse é um mal da nossa geração?

ENTREVISTA



“Nós brasileiros andamos muito conformados, desmobilizados. Parece que nos acostumamos com as coisas rápido demais, damos um jeito de sobreviver à nova realidade e pronto, fica tudo por isso mesmo.”

Aproveitando, será que a escrita vai desaparecer? O que os arqueólogos do futuro vão falar sobre a literatura da nossa geração?

Acho que a escrita vai sempre existir. Talvez mude um pouco. Mas os arqueólogos do futuro não vão entender nada sobre nós. Os arqueólogos do futuro vão ter equipamentos para abrir e-books e audiolivros? Haverá arqueólogos no futuro? Haverá futuro no futuro?

Você fala muito da São Paulo em ruínas, tendo o avô da protagonista como um dono de demolidora - novo como o progresso. Sendo de São Paulo, o que você mais sente falta do seu passado com a cidade que está sendo “destruída”?

Sinto falta justamente da memória da cidade. A nossa intimidade com os espaços vai se acabando, o que as ruas tinham de diferente, original e interessante vai se acabando, porque a maioria dos prédios novos é muito parecida e sem personalidade. Fico deprimida quando vejo que uma casa antiga, que deveria estar tombada, foi demolida, porque essas construções são história e cultura, e os povos precisam de história e cultura. No meu bairro, Pinheiros, por causa da especulação imobiliária, às vezes parece que da noite pro dia jogaram uma bomba na rua, tudo em ruínas. A verticalização extrema também é complicada, vamos perdendo a dimensão mais humana dos bairros e nos sentindo sem ar.

Me deu vontade de copiar algumas perguntas que Clarice Lispector fez em uma entrevista com o Plabo Neruda, aqui vai:

Escrever melhora a angústia de viver?

Sim e não. Escrever ajuda a elaborar e a organizar os pensamentos, isso traz paz e satisfação. Mas escrever também é cutucar a ferida, então o processo também angustia. Fora o problema da impossibilidade de dizer do modo perfeito, porque a palavra às vezes é insuficiente para expressar. E o medo da página em branco. Morro de medo da página em branco.

Sim, talvez seja uma lógica que aprendemos com as redes sociais: vem uma onda, todo mundo se indigna e logo depois esquece, passa-se para a indignação seguinte e assim por diante. Fora aquela mistura de notícia revoltante, publicidade de whey protein, fotos de viagem e vídeo de gatinho.

Também acho que nós brasileiros andamos muito conformados, desmobilizados. Parece que nos acostumamos com as coisas rápido demais, damos um jeito de sobreviver à nova realidade e pronto, fica tudo por isso mesmo.

“Pensei que eu também era uma mulher estranha”, diz sua protagonista. Uma vez você me disse que todo escritor era esquisito. Pode falar mais sobre isso?

A personagem Eva e a narradora do livro são estranhas porque elas mesmo estranham o mundo, não se adaptam a ele. Eu acho que o escritor (e talvez outros artistas também) é uma pessoa que não consegue simplesmente viver a vida e pronto. É uma pessoa que não se encaixa, se sente inadequada, que presta muita atenção em tudo. Fica num lugar de observação excessiva. Enquanto uns estão vivendo, nós estamos assistindo e estranhando. Isso traz algumas coisas boas, mas também causa esquisitice.

Pensa bem, a gente passa horas da vida criando algo que não serve utilitariamente para nada, que poucas pessoas vão ler e que não dá dinheiro. Deixa de sair para ficar inventando personagens e mundos alternativos. Não é esquisito? Ou talvez eu esteja nos estereotipando.

ENTREVISTA

Em que lugar gostaria de viver, se não vivesse no Brasil?

Espanha, Itália, Argentina e Uruguai. Não sei.

Diga alguma coisa que me surpreenda.

Não sei se vai chegar a te surpreender, mas, em 1914, um arqueólogo egíptólogo tentou sacanear outro arqueólogo egíptólogo jogando uma moeda de bronze romana, comprada num antiquário do Cairo, em uma câmara funerária egípcia prestes a ser escavada.

Que acha da literatura engajada?

Acho que eu não gosto muito do termo "literatura engajada". E a palavra "engajamento", coitada, ficou tão cafona. O que sei é que a política e a realidade social estão em todos os lugares e se misturam à vida das pessoas e, portanto, também das personagens literárias. Mas também acho que atualmente temos dado atenção apenas ao tema ou assunto tratado na literatura e precisamos olhar mais para a linguagem e para a forma, ou seja, para o modo escolhido para contar aquela história.

Qual é a coisa mais importante no mundo?

Autoconhecimento ajuda bastante.

O que é que você mais deseja para você mesmo como indivíduo?

O que você vai perguntar na pergunta seguinte.

O que é amor? Qualquer tipo de amor.

Talvez a coisa mais importante do mundo, além do autoconhecimento, com a vantagem de que é algo que você pode dar a outra pessoa e receber dela, então é mais generoso.

Agora para terminar, queria aproveitar que estou em posição de te fazer perguntas:

Por que você deixa as portas do armário abertas?

Essa pergunta tem várias respostas, mas vou resumir em apenas uma: porque meu pai também deixava as portas dos armários abertas.

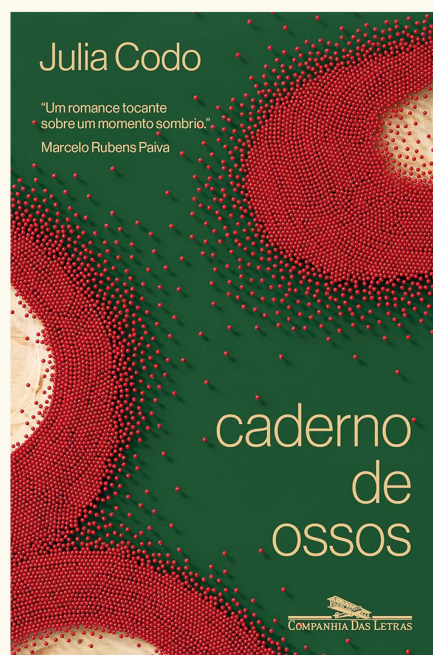
O que você acha das pessoas bem humoradas pela manhã?

São umas iludidas.

Por que você anda tão rápido?

Porque eu não gosto de sofrer parada.

“Acho que atualmente temos dado atenção apenas ao tema ou assunto tratado na literatura e precisamos olhar mais para a linguagem e para a forma, ou seja, para o modo escolhido para contar aquela história.”



Caderno de Ossos

Julia Codo

Companhia das Letras, 2025

216pp.

POESIA

Gesta Mariae

Hyann Pedro

Nordestino, filho da Prata/PB, batizado pelo fogo em São Paulo. Formado em letras vernáculas pela USP, graduando em hebraico na USP. Um fã de Homero, Virgílio, Gabo, Tolstoi, João Cabral de Melo Neto. É editor da revista O Odisseu.



Depois de tudo acabado
do último filho levado
Ela abriu a porta
mas lá só havia silêncio
e janelas fechadas

Uma vez ou outra
Um cascalho descia
lá do alto pelas telhas
da casa velha.

Foi aí que começou a luta
A querela silenciosa
na tentativa de apagar
sem se esquecer totalmente

Se foram as janelas
o velho forro também
as marcas na parede
E também os copos
que existindo gritavam
o nome do passado

Depois se foram as fotos
roupas, nomes
e os nomes dos nomes.
Na chama ardente
de tudo refazer

Na sede de água viva
que o santo padre
nunca conhecera
mas que ela
sendo mulher
sabia bem.

Era a avó já deprimida
trancada no banheiro
com a faca de cortar galinha.
Eram as agruras de uma vida.
O sufoco de muitas faltas
a dor de muitas vezes morte.

Era o medo e o medo
O terror da ameaça de bala
a humilhação da palavra
a marca do tapa.

Era a mãe assistindo do beco
proibida pelo seu avó
de ver os filhos
que graças a deus
cresciam fortes
como garrotes

Era os casamentos
mal consumados
os homens violentos e falsos
garçonieres e o retrato de
casamento

Findada esta casa
reconstruirá a si mesma.

Foto de Annie Spratt (Via Unsplash)

Caderno 2: ***Odisseia***

CRÔNICA

São Paulo em traje de poesia

Ravel Machado

ravel machado é editor transmasculino e não binário na independente (elle/elu) edições y traduções. tradutor, preparador e oficinheiro, envolve-se com literaturas não hegemônicas, cuir e trans de abya yala (brasil incluso). como autoria, tem o "livro faz a curva, paixão", publicado pela urutau em 2023. Livro Páginas Brasileiras.



"Você é bem-vindo", paulo me diz, antes de ser exortado da própria exposição porque ao que parece não parece um artista/uma pessoa "de respeito" o suficiente para colocar os próprios pés na própria obra, a distância entre sua persona pública sida e sua persona famosa artística escapa a composição revista ótica do museu barrante. fico feliz com o chamado ao descalzado mas estou em são paulo demais para entender qualquer coisa, as vísceras começam a metalizar com o pó, na praia da augusta também não pode fumar, o céu aberto é cercado de privações, eu não sei o que fazer com um café enquanto as bichas e as mulheres estão vestidas de banho e eu me sinto em um filme, são paulo me deixa fotográfico como se no frenesi uma câmara interna me puxasse para parar um pouco o mundo, estatizá-lo, como me puxam a criança e o cachorro da mesma altura embaixo das pernas no balcão. a mulher negra - há poucas pessoas negras na praia da augusta - ao nosso lado escreve sorrindo, é a única que escreve, és outras lêem. lembro de ana maria gonçalves no topo da lista da folha, mas que bobagem esse ofurô todo panfletarizando cínico e ignorante a excelência negro brasileira literária, quando Mário, quando Lima, quando Machado, quando João do Rio já em outros séculos sucederam ser acontecimentos estéticos irreparáveis - ainda bem - desse solo. o livro de tatiana1 na cama e Conceição se recusa a não editar seus livros pela Pallas. pelo menos a defesa das editoras pequenas/independentes/autônomas está nos ouvidos dê que ouvem o podcast da Folha, entre tantos ataques meio soberbos e que desconsideram o que é ser peixe entre tubarões. goste muito dos peixes porque estão mais próximos da paixão, visivelmente, repare:

PEIXE

PAIXÃO

levo as palavras de paulo para passear comigo. no meio de qualquer coisa, ressoa que sou bem-vindo, e algo se abre no veio do mundo. me permito ser e estar. [nota: o exercício de conceber a própria dignidade é uma tarefa constante para transmasculinos] digo para morgan que chegando na poesia no centro tiro os dois cigarros estrambelhados das duas orelhas, arrumo o casaco. mas no terceiro dia - habitar repetidamente um espaço nos abre permissões - já sentamos de pernas abertas e boca solta nas cadeiras de madeira esperando mais um megafone, mais uma série de poetar tentativa, poetar bonitas, poetar ensaio, poetar poetar. só no terceiro dia alguém deita no chão, só no segundo tira a roupa, só no primeiro não fomos. o que acontece com um lugar - físico



Foto: Gabriel Ramos (Via Unsplash)

- quando é exposto a toda a vibração de poesia múltipla? não é tão bonito presenciar aquilo que tanta gente estranha e diferente - entre anas martins marques e angélicas freitas e marílias garcias e brunas bebers [a pluralização, aqui, não é uma ridicularização - antes, um efeito] - salva como poesia para se apresentar?

receber da poesia trabalho um abraço. porque ser poeta famoso deve ser bom, mas cansa. e ana martins marques abraçando a poeta tradutora (e que tradutora) bruna beber, responsável por se tornar também uma apresentadora - uma (não) xuxa da poesia brasileira em são paulo? nunca tinha parado para pensar mesmo na palavra apresentadora → aquela que apresenta - volte a pensar no abraço, um abraço de afago dos seres poéticos que dançam na luz brasileira, um abraço bonito como uma poesia, um abraço companheiro, um abraço cúmplice daquilo que a luz aproxima, dum cansaço que muitos não saberemos se estendendo para apoiar o corpo da outra não como

quem saúda, mas como quem, emprestando o corpo, ajuda a sustentar - as sombras se aninham um pouco ali, silentes como um suspiro.

edimilson, um gênio entre nós, coloca a Palestina no centro. ato de coragem, ato de necessidade, ato de poesia. choro guardado molha o piso. e nos entres sentimos que leda maria martins fala do lado de sua boca, faz companhia, é colega de miração do mundo. é ali, também, enquanto ele situa sempre tão obviamente [a operação não parece artificiosa, mas, sim, natural] - quando perguntado sobre poetas que lê - que: "da tradição escrita" tais e tais. não sabia que era antropólogo, antropólogos e pinhões tem aparecido muito para mim.

renato negrão comete um ato ímpar de anunciar-se não binário quando termina a performance com as bueníssimas sapatonas angélica freitas e juliana perdigão, na mesa mais cuir do evento. angélica é um pouco barrada na passagem para uma das mesas e quando lhe perguntam se não vai pegar os fones (a mesa será em alemão), responde - ela, recém voltada de berlim - em alemão e sente dor de cabeça. voltando a renato que, deve-se dizer, é certamente a pessoa mais bem vestida do evento, dia após dia, e explica isso um pouco incomodado com a mala grande. ver alguém de poesia tão magistrosa, desse tipo de inteligência fina e opaca que às vezes penso que mesmo só Minas produz, fumando um paieirinho dá uma coisa que nem sei. penso em Mário na plateia, acho que Renato faria uma risada nova em Mário, acho que cairiam lágrimas de alívio pela contemporaneidade, acho que iria correndo e meio desajeitado abraçá-la. talvez Renato levasse Mário para Luanda da próxima vez. só sei que quando li o título "você foi sonhade", presente na sua mais recente auto-publicação, fiquei com vontade de sair correndo, na chuva, para estar lá. está na cabeceira com depois do intervalo, de azizi. que bom que estive. que bom te presenciar. Odisseia Vácuo faz farfalhar tirando suspiros de todos os nossos cérebros, numa operação que me remete ao processo das carta às icamiabas, mas além.

penso no amor como uma pedra que esquecemos guardada no bolso de uma calça antes de colocar para lavar, ou depois, quando apenas os destroços saltam do que está limpo, ou seja, mais separado da matéria do mundo. percebo que é impossível falar sobre macunaíma, que deveríamos optar por falar macunaimamente, o que seria uma operação e tanto, porque falar sobre macunaíma é como pegar apenas as calças limpas demais para a sujeira perfeita que Mário produz toda vez que alguém abre esse livro. tudo junto e tão ardilosa e sabiamente misturado, sem romantizações, sem joios sem trigos, sem fusão, todas as moléculas em forma de palavra em conjunção profícua, trabalho de mestre, trabalho de colecionador dos mundos enquanto tantos. [se o brasil não produziu um inconsciente nacional - como mário disse a argentina ter feito, por exemplo - mostrem-se os vários] tantos tanteando-se na matéria da página e da passagem, pegar um cavalo e atravessar o continente em fuga sublinhando cada terra, fuga é território, retorno é recheado de pedras, matos, gentes dos caminhos. não precisa ler o perspectivismo ameríndio de viveiros de castro se ler com atenção o

“penso no amor como uma pedra que esquecemos guardada no bolso de uma calça antes de colocar para lavar, ou depois, quando apenas os destroços saltam do que está limpo, ou seja, mais separado da matéria do mundo”

capítulo 7. deleuze leu macunaíma chamando de máquina tudo aquilo que não era só mais onça.

[leia-se também MAKUNAIMÃ que, sem saber que o estava fazendo, estava gravando a produção de imagem do encantado Jaider Esbell. ouça-se também seu chamado a fazer de Macunaíma, mais do que um texto pró-literário, uma audiência pública sobre sua família2.]

sobre a mesa de tradução: nós nunca tínhamos ouvido linguistas europeus falando sobre multilinguismo antes de fazer brotar, na capa de a pele do arrecife, essa insignia, pela compreensão que dentro de "uma" língua, estão muitas outras, seja pelo taíno e pelas jergas - que acreditamos serem as respirações mais autóctones de uma terra feita em língua, seja pela fronteira refeita no livro marcado por uma relação entre o espanhol e o inglês (tão bem explicada por Bad Bunny em música, história e semiótica), que trouxemos para uma relação de vizinhança - desejamos sempre que menos imperialista - do ptbr com os espanholizados (mas não só) vizinhos.

agradeço azizi cypriano por sua palavra tão ser, tão Oyá, se emprestando a ser junto Johan Mijail em seu primeiro ato brasileiro, agradeço formigão pela tradução que conecta o Chapeo dominicano ao No Truque brasileiro, agradeço b(e)(a) vulgo faca tarântula pelo entusiasmo em abrir espaço/ser espaço/brincar junto/brincar sério como uma mami, agradeço abigail campos leal por anteceder os gestos e seguir fazendo-os, agradeço morgan pela companhidade entusiasmada e gostosa e pela irreverência que faz pensar que ele é o editor e eu o coadjuvante meio desajustado, agradeço bru novaes e paulx gialdroni e le savestano e juno cipolla e rapha silva e josiene e lívia aguiar por fincarem de seus corpos e ritmos poesia no centro, agradeço amara moira sempre por aquela pasta fundante no drive e por dar o aviso sobre a importância de lgbt's no centro dessa poesia, por podermos pensar sobre outros prismas mas afetivamente no bar em que as recifenses ensinam que no perambuco periquito é buceta masculina e eu coleciono as palavras masculinas por aí aos nossos timbres, amara, também o mário era assim de profuso e escrevia [entre tantos também] sobre futebol.

CRÔNICA

nenhuma. Se alguém desejar saber exatamente o que eu senti, eu senti a Grécia, a Grécia arcaica, no tempo em que se fazia a futura grande Grécia. Dezenas de tribus diferentes se organizando, se entrosando, recebendo mil e uma influências estranhas, mas aceitando dos outros apenas o que era realmente assimilável e imediatamente conformando o elemento importado em fibra nacional. Quem quiser me compreender, compreenda, mas no fim do quarto gol eu tinha me naturalizado argentino, e estava francamente torcendo pra que... nós fizéssemos pelo menos uns trinta gols. Mas logo bem brasileiroamente desanimei, lembrando que seria inútil uma lavada exemplar. Não serviria de exemplo nem de lição a ninguém. Ao menos

A crônica Brasil-Argentina foi publicada originalmente em 22 de janeiro de 1939 no jornal O Estado de S. Paulo e posteriormente incluída na coletânea Os filhos da Candinha (1943)

é necessário refazer a matéria dos ouvidos, dos olvidos, dos olhos, dos poros, é necessário desviar a atenção o suficiente até que o mundo, de fato, se transfigure nos mundos e seus interstícios. é necessário não ter medo de que não sejamos exatamente (ou sempre) gregos. ser o mosquito que resiste à tentação sublime de enfiar-se na mesma lâmpada em que já estão os outros, olhar a memória como quem encontra acenos tão contemporâneos. o mundo já se inventa há muito tempo, salve os passadistas, salve aqueles que sabem com maestria fazer o movimento anti-horário para começar os gestos. salve as travestis, os transmasculinos, és não binários que inventam de narrar o mundo a partir de seus prismas de alcance transformacional, salve as amizades entre des/identidades que já não enxergam o mundo ou que nunca enxergaram o mundo a partir daquilo que é, por repetição e por teimosia tirana cruel, colocado a ser seu centro, salve o que nossas teceduras podem.

[ps: natasha félix, você e seu inferninho, você e seus comparsas de apupú, estão certamente na minha lista folha. uma revolução que dança, move e fala sem nada que ver com nietzsche acontece onde vc/s perpassa/m.]

ELAS COM A PALAVRA

“Uma história nasce de um incômodo”: Uma conversa com Monique de Magalhães

Vanessa Passos

Escritora, roteirista, professora de escrita criativa, doutora em Literatura (UFC) e pós-doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Lidera a maior comunidade de escritoras que tem voz em mais de 12 países. Autora de “A Filha Primitiva” (Prêmio Kindle de Literatura) e é colunista do PublishNews.



Monique de Magalhães. Foto: Reprodução.

Seu livro entrelaça contos que lidam com ausências e violências estruturais. Como você escolheu os pontos de conexão entre essas histórias? Houve um fio narrativo que surgiu primeiro e puxou os outros?

O fio condutor que leva um conto e também um personagem ao outro é uma pergunta: **por quê?** O primeiro conto que escrevi nesta obra narra a história de um garoto que comete autoexterminio. Como o propósito desta narrativa é tirar do lugar comum a culpabilização e provocar no leitor a investigação da motivação, usei o questionamento: **por que aconteceu?** Para visitar traumas cristalizados, histórias de vida, ancestralidade, relações familiares e de autoridade, de modo que possamos avaliar, enquanto leitores, que um evento na vida do sujeito tem infinitas motivações e, no fim das contas, somos aquilo que nossas histórias, influências, traumas e realidade social nos amarram nesta breve existência.

Durante o seu processo de escrita, você parte de uma imagem, uma emoção ou uma personagem? Como nasce, para você, o primeiro impulso criativo de um conto?

Uma história nasce de um incômodo, não como uma perturbação em que os personagens exigem que o autor os materialize nas páginas, embora eu acredite que com outros autores isso possa ocorrer. Comigo, é mais como um incômodo

que talvez esteja mais próximo de uma emoção, embora essa palavra traga um sentido temporal. Minhas narrativas são sempre provocadas por silêncios sociais, políticos, emocionais; escrevo sobre o que se calou e ainda tenta-se calar, habitual e historicamente.

Sabemos que a construção de personagens é um ponto forte da sua escrita. Há alguma personagem de Linha da Vida que te desafiou especialmente ou te marcou de forma inesperada?

Juliana Mota, a personagem que amarra a costura de minha história, é para mim a persona mais aguda. Não apenas pela crueza trágica que a assola desde a tenra idade, mas pela humanidade ordinária revelada através de sua vida. Veja: Juliana engravidada na adolescência, repetindo o que aconteceu com sua mãe, e se vê obrigada, por convenções, a viver com o pai de seu filho, um homem que abandona a esposa para ter posse do corpo da menina Juliana. Embora, conforme o leitor pode constatar, a moça sofra inúmeras violências, a conduta de reparação dos pais, mesmo depois de terem-na obrigado a casar-se nessas circunstâncias, permite a Juliana Mota reconstruir sua história. E quando acreditamos estar diante de mais “uma jornada da heroína”, a personagem volta a ter prejuízos, porque assim é a vida.

Como leitora crítica e fundadora de um clube de escritores, que conselhos você costuma dar para quem está tentando encontrar a própria voz literária em meio às dores e urgências do cotidiano?

Duas coisas são primordiais: **ler boas histórias e escrever suas próprias histórias.** Para tudo que vamos executar, precisamos ter repertório, desde o aprendizado da fala, do autocuidado ou até de relacionamentos. Não conseguimos projetar sem referências; portanto, a leitura é a primeira marcha. Importa também que tais leituras provoquem no escritor e escritora a produção de qualidade, pois se a referência for mediana, a execução, mesmo se bem realizada, não passará do médio. É aqui que entra a segunda marcha: escrever as próprias histórias, conscientes de que apenas a repetição levará a uma execução primorosa. Eu digo aos autores e autoras a quem presto consultoria: leiam clássicos, leiam obras contemporâneas, encontrem o que lhes agrada, tenham referências; depois escrevam, escrevam novamente, reescrevam, e jamais deixem de experimentar a produção de gêneros diferentes, outras vozes narrativas. Só assim encontrarão a sua própria, aquela que você executa com beleza, habilidade e DNA. Sobre tudo, roubem da vida, pois ela te impedirá de sentar e escrever.

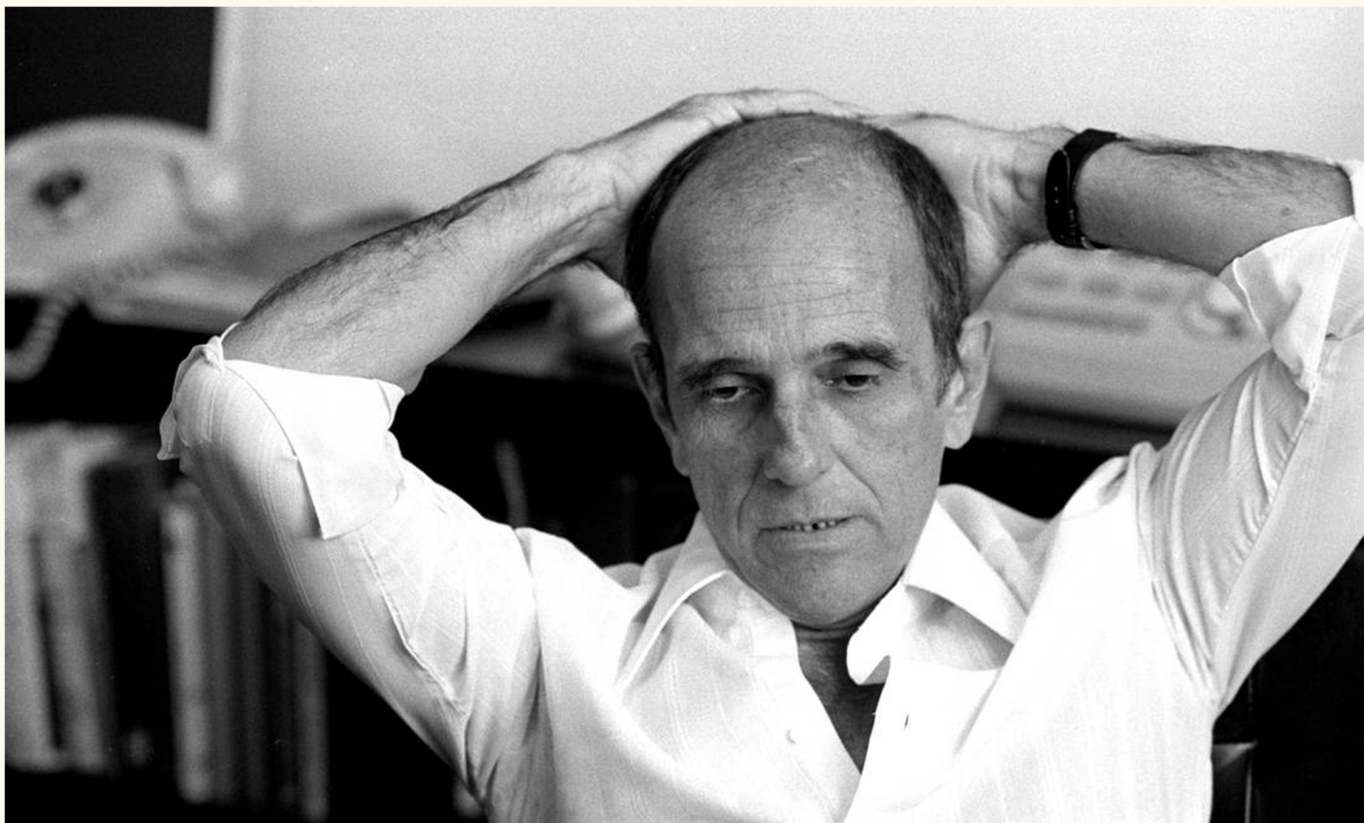
Especial Rubem Fonseca

ENSAIO

O homem que metralhava vidros

Danilo Moreira

É escritor, jornalista e profissional de Comunicação. Assina o Plug Literário no Instagram (@plug_literario), no Facebook (facebook.com/plugliterario) e a versão blog. Autor de "O homem com creme de barbear e outros delírios", "Duas notas de cem" e "Prezado Sr. Gomes". É colunista da revista O Odisseu.



Rubem Fonseca. Foto: Paulo Moreira / Agência O Globo

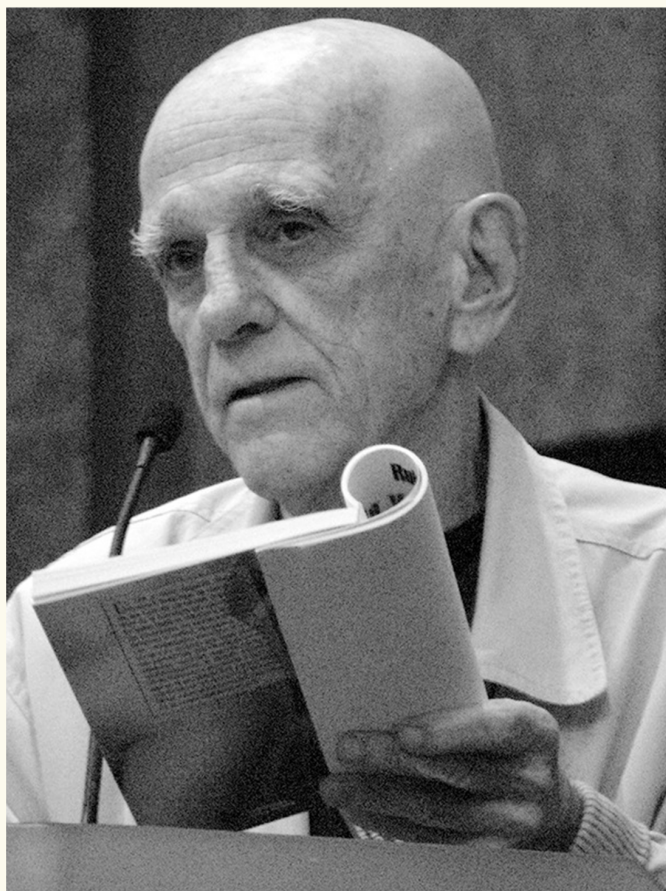
Era começo dos anos 2000, mais ou menos 2004/2005, e eu, que não tinha computador em casa, frequentava uma lan house do bairro quando queria consultar a minha caixa de e-mail pelo qual, inclusive, me correspondia com amigos, numa época que Orkut começava a fazer sucesso no Brasil e sequer sonhávamos com smartphone e as demais mídias sociais comuns de hoje. Na ocasião, uma amiga tinha compartilhado um e-mail com um conto na íntegra, com o objetivo de chamar a atenção para populações marginalizadas.

É a história de três bandidos que vivem num lugar insalubre e em condições de miséria, e em dado momento, resolvem assaltar uma mansão na noite de Réveillon. Lembro que me marcou bastante a narração repleta de palavrões, termos chulos, erotismo e tudo mais que deixaria até hoje alguns "alecrins dourados da moral" chocados. Assim, testemunhei o que os bandidos fazem com a família naquela casa, numa explosão de barbárie e animosidade em níveis que, eu, na época com 19/20 anos, não imaginava que um ser humano pudesse atingir — não em um conto, pelo menos.

O texto em questão era simplesmente "Feliz Ano Novo" (1975), talvez o conto mais famoso do escritor mineiro Rubem Fonseca (1925 – 2020) e que dá nome dá nome à coletânea com treze contos, que mergulham na realidade urbana brasileira dos anos 1970, e expõem uma sociedade marcada pela desigualdade e pelo desencanto, com um olhar impiedoso.

Não que eu já não tivesse visto esses tipos em outros livros. Já havia conhecido personagens marginalizados até mesmo em obras da inesquecível série Vaga-Lume, com destaque para as obras de Marçal Aquino e Marcos Rey. Também já tinha lido Nelson Rodrigues. Cresci com as edições do extinto jornal Notícias Populares (que coincidentemente, estreou no mesmo ano que Fonseca na literatura, em 1963, e foi comercializado até 2001), que reunia desgraças harmoniosamente diagramadas e casos até bizarros, como o do "bebê-diabo". Vi o auge de programas policiais como o "Aqui Agora", do SBT, que cobria tiroteios ao vivo e tinha reportagens narradas pelo mestre Gil Gomes. Mas nada até então tinha me impressionado quanto a ferocidade de "Feliz ano novo".

ENSAIO



Era cruel, violento, mas, ao mesmo tempo, tão real e saboroso de ler. Que contradição insólita de sentimentos era aquela que tomava conta de mim? Enquanto isso, ao meu redor, jovens jogavam Counter Strike.

Lembro de achar que era um texto recente. Fiquei surpreso quando soube, anos depois, que era uma história escrita nos anos 1970 e que o livro do qual faz parte chegou a ser censurado pela ditadura militar. Mas não falam que, nessa época, o Brasil era melhor? Que a sociedade não era tão “degradada moralmente” como é hoje? Pois já naquela época, Rubem endossou o coro de escritores, como Jorge Amado e Dalton Trevisan, que metralhavam vidros moralistas ao dar voz a figuras falhas, contraditórias e, em diversos momentos, abjetas, mas inegavelmente humanas.

O conto “Feliz ano novo” foi a minha porta de entrada para o universo do autor. Já tive a oportunidade de ler outras obras, como “O buraco na parede” (1995), e “O cobrador” (1979). Mais do que expor violência desmedida, Fonseca denuncia com maestria o fracasso das instituições e a hipocrisia moral da sociedade, com personagens que vivem no limite da civilidade e da animosidade.

No começo dos anos 1960, com quase 40 anos, formação em Direito e atuação como advogado criminalista e comissário de polícia, Fonseca se lançou na literatura com a coletânea de contos “Os Prisioneiros” (1963), e levou para sua escrita um conhecimento profundo da natureza humana, especialmente de seus

lados mais obscuros. Fonseca é um dos precursores da chamada “literatura brutalista”, termo cunhado pelo crítico e historiador literário brasileiro Alfredo Bosi (1936-2021), ao se referir ao trabalho do escritor, que influenciou diversos autores como Marçal Aquino e Luiz Ruffato. Também vejo muito dele na escrita do escritor contemporâneo André de Leones, do qual li “Vento de queimada” (2023).

Também conhecido como “neorrealismo violento”, esse estilo chega a beber da fonte da literatura policial, mas com algumas características peculiares, como a presença de investigadores com defeitos, vícios e de moral questionável, inseridos em ambientes urbanos violentos e marcados pela exclusão social.

O estilo de narrativa cru, direto e bruto de Fonseca é, ao meu ver, uma aula para contistas — que é o meu caso — no sentido de exercitar a capacidade de síntese e, ao mesmo tempo, fazer a sua marca na pessoa leitora. Quem costuma se aventurar por esse gênero sabe o desafio que é equilibrar essas duas. Segundo o escritor argentino Júlio Cortázar (1914 – 1984), se o romance ganha por pontos, o conto deve ganhar por nocaute. O autor faz isso com impressionante maestria ao nos jogar em meio ao caos urbano e existencial dos personagens. Quando resolvi abordar personagens mais marginalizados, o contato com essa escrita me fez sentir mais liberdade para narrar mais “no clima”.

Fonseca perfura bolhas de conforto e injeta na cabeça uma mistura hedionda do que existe nas valas obscuras da nossa sociedade desigual e que, muitas vezes, até hoje, é ignorado ou escondido por debaixo de tapetes luxuosos, sob sapatos de cristal ungidos. Ou, num contexto mais concreto, por muros que cercam Cracolândias, por exemplo.

Se a gente ligasse nossa lupa detectora de termos e elementos politicamente incorretos na escrita de Fonseca, acredito que certamente iria explodir. E render assunto para outra crônica.

**“Mais do que expor
violência desmedida,
Fonseca denuncia com
maestria o fracasso das
instituições e a
hipocrisia moral da
sociedade, com
personagens que vivem
no limite da civilidade e
da animosidade.”**

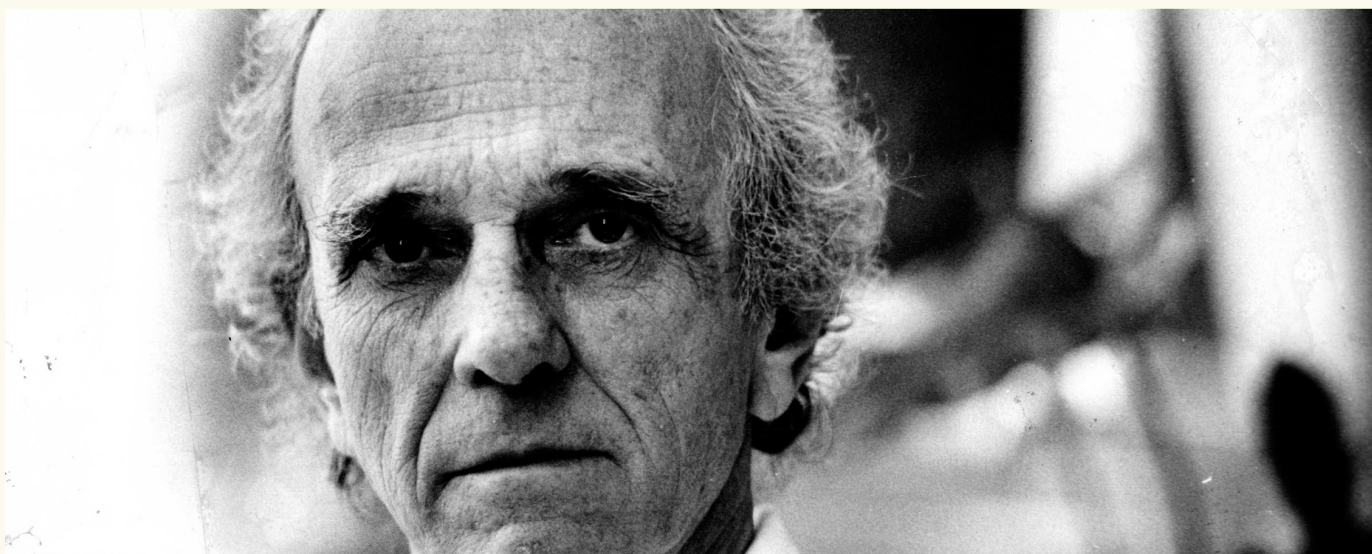
ENSAIO

A sensação que tenho é que aquele submundo retratado na maior parte das obras de Fonseca é ainda mais latente nos dias atuais, especialmente após a pandemia. A realidade violenta brasileira e as contradições humanas, no meio dessa imundície cada vez mais caótica e mascarada de divina, incendiada por grupos extremistas políticos e religiosos, estão nos afetando de várias maneiras. Eu sei, apenas passei voando de drone em um mar de problemas complexos. Mas deu para entender o que eu quis dizer, espero.

Por outro lado, que bom que hoje temos mais vozes na literatura que podem nos trazer realidades e abordar as controvérsias humanas sob diversas óticas, vivências e lugares de fala, por meio de variados estilos de escrita, e que podem contribuir, pelo menos, para enxergarmos a vida de forma menos maniqueísta e binária. E temos legado de Rubem Fonseca que chacoalha cabeças até hoje.

O autor, já nonagenário, nos deixou em abril de 2020, quando o mundo começava a viver o horror da pandemia de Covid-19 e as suas consequências sociais, mentais e políticas, ainda sentidas. Mais de uma vez, eu já ouvi dizerem: “quem é que está 100% bem hoje?”. E sinto que o Brasil, de modo geral, parece cada vez mais imerso em uma história de Rubem Fonseca. Ou está mais orgulhoso de parecer uma história de Rubem Fonseca. Ou tacou o foda-se sobre o que é ou deixou de ser.

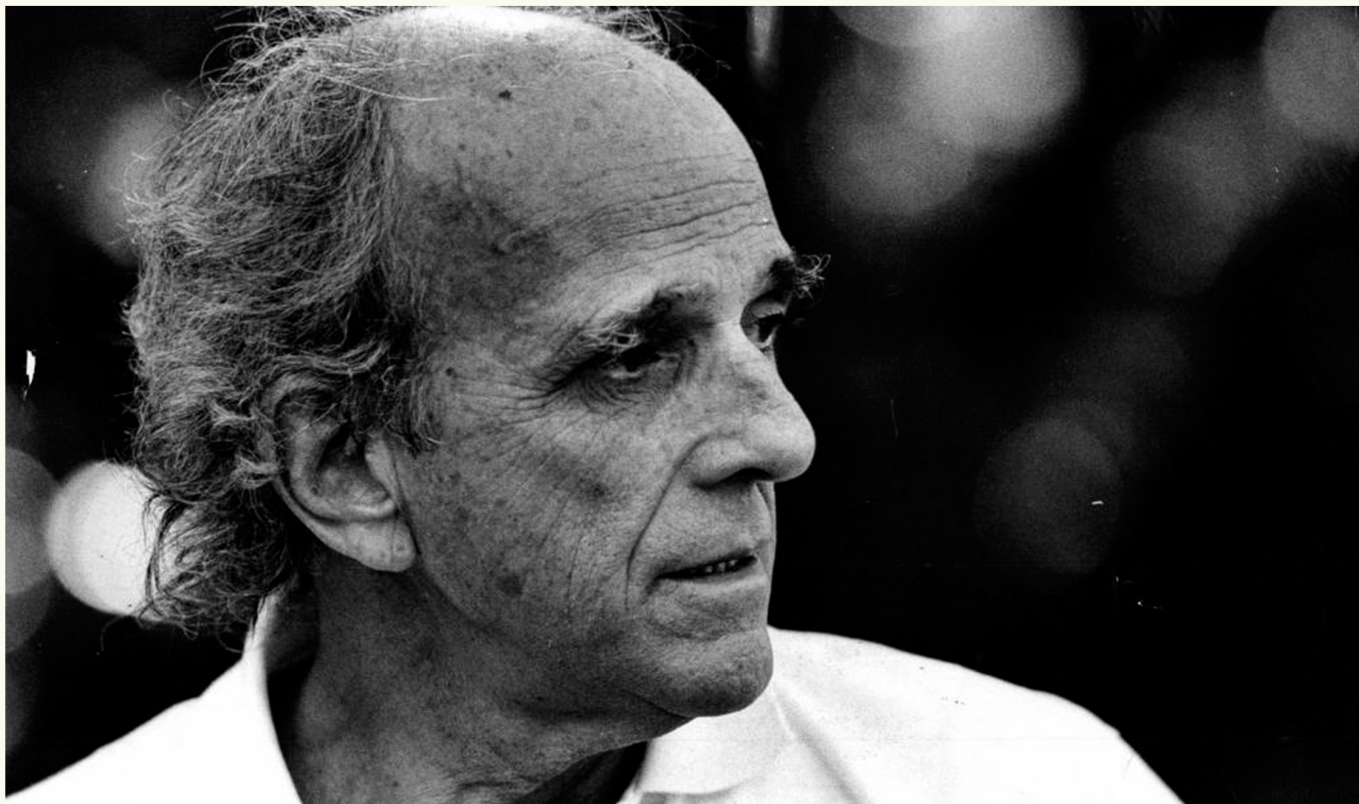
“Fonseca perfura bolhas de conforto e injeta na cabeça uma mistura hedionda do que existe nas valas obscuras da nossa sociedade desigual e que, muitas vezes, até hoje, é ignorado ou escondido por debaixo de tapetes luxuosos, sob sapatos de cristal ungidos. Ou, num contexto mais concreto, por muros que cercam Cracolândias, por exemplo.”



Para onde vão os livros dos mortos?

Daguito Rodrigues

Daguito Rodrigues é escritor, roteirista e diretor. Já escreveu projetos para a Rede Globo, GNT, Netflix, entre outros. Dirigiu curtas-metragens, documentários e videoclipes. É autor do livro "Tudo Que Se Rompe Quando Cai" (Opera Editorial, 2024), além de mais de vinte e cinco contos publicados em antologias com outros autores.



O escritor Rubem Fonseca, em foto de 1987. (Foto: Folhapress)

Escriver sobre Rubem Fonseca é escrever sobre meu melhor amigo. Eu não tive o privilégio de conhecer o escritor mineiro, nem tive uma relação de intensa amizade com a obra dele. Mas, meu melhor amigo, sim. Ele teve a oportunidade de ir algumas vezes à casa do autor. E eu tive a sorte de cruzar com a literatura do escritor ao longo da minha vida.

Assim como o renomado romancista e contista, meu melhor amigo também nasceu em Minas Gerais e passou boa parte da vida no Rio de Janeiro. Foi lá onde os dois se conheceram. Meu melhor amigo ainda era jornalista e foi até a casa de Rubem Fonseca, no Leblon, fazer uma matéria. Dali nasceu uma singela amizade. De vez em quando, meu melhor amigo contava, ele passava por lá. E no último desses encontros, ganhou um presente. "Ele se levantou, pegou um exemplar de 'Feliz Ano Novo' da estante, autografou e me deu. Um livro de autoria dele, autografado por ele, tirado da biblioteca pessoal dele", se lembrava com orgulho.

Meu melhor amigo partiu no início de 2020. E hoje me vejo carente no meu entorno de outros

de outros admiradores de Rubem Fonseca. Eu mesmo nunca me considerei um leitor fiel do autor. Quando me propus a escrever este texto, tinha em mente ter lido apenas três obras dele. Me enganei. Recordar o passado me revelou uma outra verdade.

Muito antes de conhecer meu melhor amigo, descobri Fonseca pela TV, com a minissérie "Agosto". Apaixonado por história e política, fui seduzido pela trama e, um dia depois de assistir ao último capítulo, consegui uma edição do livro. "A morte se consumou numa descarga de gozo e alívio". Eu tinha treze anos, ainda era um leitor infante-juvenil, mas devorei o livro como as pessoas hoje maratonam séries recheadas de reviravoltas.

"Agosto" me levou a "O Caso Morel", primeiro romance de Fonseca. "Um ladrão é considerado um pouco mais perigoso do que um artista", o narrador escreve já no fim do livro. A narrativa envolvente e objetiva me cativou e, agora me recordo, me levou a "Feliz Ano Novo". O mesmo livro que o autor daria ao meu melhor amigo anos depois. Como eu não tinha colocado esse na minha conta de livros lidos? É meu

favorito. Foi nele em que conheci a maestria do escritor, um dos grandes contistas da nossa língua. “Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone”. A escrita violenta, e até cruel, me revelou uma literatura seca, distante da ideia rebuscada que eu tinha de grandes escritores. Para ser reconhecido não era necessário escrever difícil. Que ótimo que um texto com palavras e sem heróis tem apreciação literária, pensei. Isso abriu um caminho de possibilidades para minha própria escrita, já presente, mas ainda primária e temerosa.

Um tempo depois, vasculhando a estante de filmes nacionais numa saudosa videolocadora, descobri “A Grande Arte”, longa-metragem de um ainda desconhecido Walter Salles e estrelado por Peter Coyote – ator que eu já conhecia de filmes como “E.T.”, do Spielberg, “Lua de Fel”, do Polanski, e “Kika”, do Almodóvar. O filme me levou ao livro, outro esquecido na minha falha contagem de apenas três lidos. Talvez seja porque eu não tenha me encantado por ele. Mesmo assim, o texto direto e acessível me impressionou. E pensei, de novo, como um escritor de narrativa tão objetiva pode ser tão apreciado pela crítica? A imagem de uma literatura hermética caía novamente por terra. E abria novos horizontes para os meus próprios textos. Obrigado por isso, Fonseca.

Já repórter, conheci meu melhor amigo numa redação de jornal e nos tornamos irmãos. Me recordo quando ele me indicou a série “Mandrake”. “É baseada nos livros do Rubem Fonseca”, me disse. Realmente, um deles era “A Grande Arte”, o último dele que eu tinha lido, já há alguns bons anos, e “Mandrake, a Bíblia e a Bengala”, que acabei nunca lendo. Entre copos de cerveja no Centro de São Paulo, eu e meu melhor amigo compartilhamos reflexões sobre a construção da trama e dos personagens.

Mais anos vieram, e a vida me levou a novos caminhos. Eu e meu melhor amigo mudamos de profissão, e a gente se afastou por um bom tempo, época em que encontrei num sebo o livro de contos “Ela e Outras Mulheres”. E nele reencontrei o estilo incômodo de violência e vingança que há muito tempo tinha me cativado. Um texto desconcertante e inquieto. “Eu nunca tive uma mulher assim tão próximo de mim e senti o meu pau ficar igual como ficava no banheiro quando eu fazia aquilo olhando a revista de mulher pelada.”

Apenas mais de uma década depois, quando retomei minha amizade com meu melhor amigo e morei com ele na Gávea, no Rio, é que tive acesso a “José”, que acredito ter sido o último romance publicado pelo autor. Uma obra que eu achei mais irregular, cheia de citações a grandes livros, autores e personagens literários. Rubem Fonseca, além de um escritor genial, era um leitor voraz. “As memórias preservadas desde a infância e que carregamos durante nossa vida são talvez a nossa melhor educação, diz Alyosha Karamázov”.

Minha memória ao lado de meu melhor amigo com certeza foi uma bela educação.

Foi nessa época em que achei na estante dele a cópia autografada de “Feliz Ano Novo”. Como são potentes estes contos. Lembro de me sentar na varanda com meu melhor amigo e de analisarmos um a um.

“O texto direto e acessível me impressionou. E pensei, de novo, como um escritor de narrativa tão objetiva pode ser tão apreciado pela crítica? A imagem de uma literatura hermética caía novamente por terra. E abria novos horizontes para os meus próprios textos. Obrigado por isso, Fonseca.”

Ambos já éramos roteiristas e nos interessávamos pela construção narrativa.

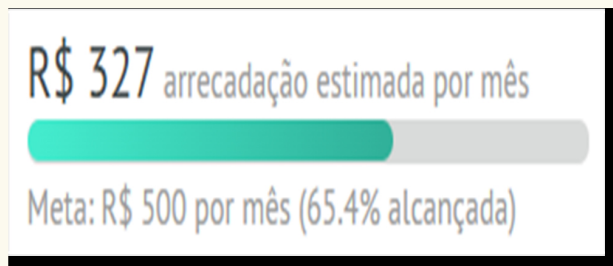
Meu melhor amigo partiu na virada da noite do dia 20 para o dia 21 de março de 2020. Num contexto estranho, carregado de revelações e reviravoltas, que descrevo no meu livro “Tudo Que Se Rompe Quando Cai” (Ópera Editorial, 2024). A morte dele me lembrou um caso complexo de uma narrativa de Fonseca, que coincidentemente partiria semanas depois do meu melhor amigo, mas sem mistérios. Enfartou em casa. “Na cama não se fala de filosofia.”

Me pergunto onde foi parar esse exemplar autografado. A casa do meu melhor amigo foi desmontada depois da morte dele, ainda durante a pandemia. Eu estava em São Paulo sem condições de ir ao Rio de Janeiro em plena quarentena. Não fiquei com nada do que era dele. Com nenhum dos utensílios de cozinha que eu tanto usava quando moramos juntos. Com nenhum dos copos onde a gente bebia cerveja em conversas sobre arte. Com nenhum dos livros da vasta biblioteca dele.

Eu queria poder ter guardado aquela cópia de “Feliz Ano Novo”. Eu queria poder dar o mesmo valor que meu melhor amigo dava àquele exemplar. Eu queria poder me sentar de novo com ele para falar de literatura. Para falar de Rubem Fonseca. Para descobrir o que ele e o autor tanto conversavam nesses encontros íntimos. Eu queria que meu melhor amigo estivesse escrevendo este texto.

Nosso muito obrigado aos nossos heróis apoadores!

**Rogério S.
Márcia B.
Manuela B.
Ana V.
Isadora T.
Dênisson P.
Heloísa P.
Douglas Francisco S.
João Paulo C.
Arthus M.
Rosângela R.
Juliana L.
Gabriela C.
Aristóteles P.
Marielson C.
Jhanade L.
Luciana K.
Aline S.
Eleazer C.
Camila P.
Jorge A.
Luís Miguel S.**



Nossa campanha está em 65,4% da meta estabelecida! Ajude-nos a chegar em 100%

TORNE-SE UM APOIADOR DA REVISTA O ODISSEU A PARTIR DE R\$5!

Entre as recompensas para apoiadores estão o acesso a cursos inéditos, clubes do livro exclusivos e brindes personalizados. Acesse o link (Qr Code ao lado) e saiba mais!



Expediente

Equipe Editorial: Carol Antunes, Ewerton Ulysses Cardoso, Hyann Pedro Rodrigues, Kaio M. Veloso, Pedro Henrique Rodrigues.

Curadoria da edição: Pedro Henrique Rodrigues

Diagramação: Ewerton Ulysses Cardoso

Revisão: Carol Antunes, Ewerton Ulysses Cardoso, e Pedro Henrique Rodrigues.

Arte de Capa: Maicon Aquino

O Odisseu

ISSN 2966-0262

Vol. 4/ N 23/ Junho de 2025

**Entre a tragédia e o que resta:
A violência através das lentes da literatura**



A luta continua

Pedro Henrique Rodrigues recupera os arquivos da ditadura militar para falar do genocídio indígena durante os anos de chumbo.

O mal que nos beija: O feminicídio como narrativa e o lugar da violência na literatura

Carol Antunes escreve sobre o tema do feminicídio na história da literatura. Dos clássicos de Shakespeare à literatura brasileira em Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti.

Ou algo, ou Rita de Podestá entrevistando Julia Codo

Rita de Podestá estreia como colunista da revista O Odisseu com uma conversa/entrevista com Julia Codo (autora de "Caderno de Ossos")

Exumação de corpos: horror, violência e estranheza nas literaturas de mulheres latino-americanas

Mylena Queiroz escreve sobre o assombro e a violência na escrita de autoras latino-americanas como Aná Paula Maia e Maria Fernanda Ampuero